UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JOSÉ BENEDITO SOARES JÚNIOR

ENTRE INSÍGNIAS E BRASÕES: A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ARMORIAL SOB A ÓTICA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1970-1974)

RECIFE

2024

JOSÉ BENEDITO SOARES JÚNIOR

ENTRE INSÍGNIAS E BRASÕES: A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ARMORIAL SOB A ÓTICA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1970-1974)

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, como requisito à obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Victor Silva

RECIFE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Auxiliadora Cunha – CRB-4 1134

J95e Júnior, José Benedito Soares.
Entre insígnias e brasões: A construção do Movimento Armorial sob a ótica do Diário de Pernambuco (1970-1974) / José Benedito Soares Júnior. – Recife, 2024.
64 f.; il.

Orientador(a): Lucas Victor Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História, Recife, BR-PE, 2024.

Inclui referências.

1. Diário de Pernambuco. 2. Movimento Armorial. 3. História Cultural. 4. Ditadura militar I. Silva, Lucas Victor, orient. II. Título

CDD 909

FOLHA DE APROVAÇÃO

JOSÉ BENEDITO SOARES JÚNIOR

ENTRE INSÍGNIAS E BRASÕES:
A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ARMORIAL SOB A ÓTICA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1970-1974)

Data da Defesa: 04/10/2024

Horário: 14h30

Local: Sala _____ - UFRPE

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Lucas Victor Silva – Orientador (a)

_____

Prof.ª Dra. Marcília Gama da Silva - Examinadora interno

_____

Prof. Dr. Amilcar Almeida Bezerra – Examinador (a) externo (a)

Resultado: ( ) Aprovado/a

( ) Reprovado/a

AGRADECIMENTOS

Inicialmente tenho que agradecer a Deus pela conquista, por seus livramentos e ensinamentos ao longo da minha vida. Agradeço a conclusão deste trabalho as pessoas que sempre me apoiaram, e aqueles que no decorrer do processo conquistaram um lugar especial em meu coração. Para chegar a este momento tive que abdicar de muitas coisas, do convívio com a família e amigos, porém, foi gratificante. Foram madrugadas, finais de semana e eventos festivos que abdiquei para que este momento finalmente chegasse.

Agradeço também aos meus genitores, minha mãe, Alvanice Borges que nunca desistiu de mim e que sempre me apoiou nos momentos bons e ruins, e o meu pai, José Benedito (*in memorian*), que dentro de suas possibilidades conseguiu criar os seus filhos guiando-os pelo caminho certo na vida.

Este trabalho seria impossível sem o apoio incondicional da minha esposa, Rosileide, que me acompanhou nesta jornada, bem como, das minhas duas joias, Ana Laura (9 anos) e Ana Júlia (2 anos), presentes que Deus me deu.

Não posso esquecer das professoras e professores que fizeram parte da minha jornada educacional, em especial a professora Aurélia (*in memorian*) da 3ª série. Sem elas e eles nada disso seria possível.

Em especial agradeço ao professor Lucas Victor Silva, um profissional excepcional que me orientou e guiou nesta jornada. Uma pessoa que exigiu de mim o melhor, criticou quando tinha que criticar e elogiou quando tinha que elogiar.

Agradeço também ao professor Amilcar Almeida e a professora Marcília Gama, membros da banca, que trouxeram críticas positivas possibilitando enriquecer esta pesquisa.

Por fim, agradeço a todos aqueles que torceram pelo meu sucesso, entenderam minha ausência e me incentivaram a buscar o melhor de mim.

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar a divulgação do Movimento Armorial nas publicações do jornal *Diário de Pernambuco* (DP), na cidade do Recife, no período de 1970 a 1974. Utilizando o jornal como fonte e objeto, buscamos identificar como o DP divulgava e representava o Movimento Armorial em suas edições. Buscamos também abordar o papel dos sujeitos envolvidos na divulgação do Movimento Armorial, suas posições sociais e o apoio estatal dado a esta manifestação cultural. Os dados desta pesquisa foram coletados na Hemeroteca Digital, no site da Biblioteca Nacional, sendo utilizado como filtro a palavra 'armorial'. A análise dos dados evidenciou que os discursos produzidos pelo DP são semelhantes ao discurso estatal no campo da cultura. Esse discurso busca retratar o Movimento Armorial, em especial a Orquestra Armorial de Câmara do Recife como uma manifestação que representa as raízes da cultura brasileira.

Palavras-chave: Diário de Pernambuco; Movimento Armorial; História Cultural; Ditadura militar.

ABSTRACT

This research aims to analyze the dissemination of the Armorial Movement in the publications of the newspaper Diário de Pernambuco (DP), in the city of Recife, from 1970 to 1974. Using the newspaper as the source and object, the goal is to identify how the DP disseminated and represented the Movement Armorial in its editions and also address the role of the subjects involved in disseminating the Armorial Movement, their social positions and the state support given to this cultural manifestation. The data for this research was collected in the Hemeroteca Digital, on the National Library website, using the word 'armorial' as a filter. Data analysis showed that the discourses produced by the DP are similar to the state discourse in the cultural scope. This discourse aspires to portray the Armorial Movement, especially the Orquestra Armorial de Câmara do Recife as a manifestation that represents the roots of Brazilian culture.

Keywords: Diário de Pernambuco; Armorial Movement; Cultural History; Military Dictatorship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Trecho da reportagem “Novo movimento musical surgirá hoje no Recife” 31
Figura 2 - Trecho da reportagem ‘S. Militar da plaqueta ao Diário’ 36
Figura 3 - Orquestra Armorial dá concerto na redação do diário 38
Figura 4 - Divulgação de concerto da Orquestra Armorial de Câmara do Recife 39
Figura 5 - Trecho da reportagem: Exibi-se Orquestra Armorial 40
Figura 6 - Armorial vai aos EE. UU. 41
Figura 7 - Quinteto Viaja terça-feira para a Geórgia 41
Figura 8 – Trecho da reportagem: Interesse 43
Figura 9 - Trecho da reportagem “Eraldo lança em Brasília o projeto de casa-embrião” 43
Figura 10 - Trecho da reportagem “Mundo das artes” 44
Figura 11 - Trecho da reportagem “Governador concede Medalha à Academia Santa Gertrudes” 44
Figura 12 - Compra de instrumentos para Orquestra Armorial de Câmara do Recife 45
Figura 13 - Ministro chegará cedo para ver Armorial 46
Figura 14 - Trecho da reportagem: Ariano Suassuna, o Armorial popular “A Pedra do Reino” 46
Figura 15 - Trecho da reportagem ‘Casamento vipérrimo’ 47
Figura 16 – Trecho da reportagem: Sucesso de Aluísio começou com o Movimento Armorial 49
Figura 17 - Trecho da reportagem: Daqui e dali 50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 9
1.1. Apresentação da pesquisa e dos objetivos 11
1.2. Revisão historiográfica sobre nosso tema 13
1.3 Metodologia e fontes de pesquisa 16
1.4. Fundamentação teórica 19
1.5. Estrutura do texto 21
2. A TRAJETÓRIA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1925 - 1974) 22
2.1. O nascimento da imprensa no Brasil 22
2.2. Da fundação ao rosismo 24
2.3. Assis Chateaubriand e a incorporação aos Diários Associados 26
3. A REPERCUSSÃO DO MOVIMENTO ARMORIAL NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1970 - 1974) 30
3.1. O Movimento Armorial 30
3.2. O Movimento Armorial nos olhos do Diário de Pernambuco (1970 - 1974) 35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 53
5. REFERÊNCIAS 59
5.1. Bibliografia 59
5.2. Fontes 64

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasce do interesse em analisar a divulgação do Movimento Armorial nas publicações do jornal *Diário de Pernambuco* (DP), na cidade do Recife, no período de 1970 a 1974. Buscamos identificar as estratégias utilizadas pelo DP para divulgar o Movimento Armorial, uma manifestação da cultura nordestina que surgiu no dia 18 de outubro de 1970, em Pernambuco, na cidade do Recife, quando "um grupo de artistas e intelectuais reuniu-se com o intuito de dar expressão às formas autênticas da cultura brasileira" (Didier, 2000, p. 35).

Liderado por Ariano Vilar Suassuna (1927-2014) e Cussy de Almeida (1936-2010), o Movimento Armorial contou com a divulgação da imprensa local e nacional durante a Ditadura Militar (1964-1985). Neste contexto, a cultura foi uma das áreas que mais sofreu com os desmandos do Estado de exceção que perseguiu as manifestações artísticas que apresentavam perfis 'subversivos', alinhados à esquerda brasileira e internacional. No campo político e cultural, o Movimento de Cultura Popular do Recife (MCP)[1], o Centro Popular de Cultura (CPC), Tropicalismo, bem como, outros movimentos culturais sofreram algum tipo de censura pelo Estado. Aqueles que porventura contestaram as imposições do Estado sofreram retaliações, foram perseguidos, torturados e em alguns casos, mortos. O medo dos militares tinha nome e se chamava 'Comunismo'.

> Nada disso, contudo, afetou o Movimento Armorial, fosse em virtude das boas relações institucionais de Suassuna com órgãos culturais ligados à esfera de poder federal, que garantia inclusive apoio financeiro para suas iniciativas, fosse pela crença por parte dos militares de que a arte elaborada por aquele grupo não ameaçava a segurança nacional, os artistas armoriais não foram incomodados pela censura (Bezerra, 2013, p.163).

O Movimento Armorial obteve apoio financeiro e logístico prestado pelo governador do Estado de Pernambuco, Eraldo Gueiros, bem como, pelo governo federal. Este apoio contemplou principalmente a Orquestra Armorial de Câmara do Recife (OAC), liderada pelo violinista, compositor e regente Cussy de Almeida.

Para trabalhar este tema utilizaremos o jornal que, enquanto fonte primária possibilita analisar os "debates e posições políticas, ideológicas, econômicas, lutas sociais, costumes, práticas e grupos sociais, eventos culturais, que podem ser localizados nos diversos espaços

[1] "Ariano Suassuna foi sócio fundador do MCP: porém dele se desligou mais tarde, pois discordava da concepção de arte dirigida, ou melhor, da elaboração artística como instrumento de um projeto político educacional" (Didier, 2000, p. 95).

que compõem os periódicos" (Leite, 2015, p.9). Este tipo de fonte permitirá analisar as representações e os discursos criados por jornalistas e pelos sujeitos inseridos no Movimento Armorial, além de possibilitar a compreensão do contexto do período proposto levando em consideração o papel do jornal enquanto um agente histórico que constrói discursos, dita normas e comportamentos.

A escolha em trabalhar com o *Diário de Pernambuco* é justificada pela notória centralidade do veículo desde o século XIX no panorama dos debates jornalísticos locais e regionais. Outros jornais também abordaram o Movimento Armorial, no entanto, o DP conferiu bastante visibilidade aos eventos culturais protagonizados pelos artistas armoriais, sobretudo às apresentações da OAC.

Ao buscar dentro da historiografia referencial teórico que pudesse subsidiar os nossos questionamentos nos deparamos com a escassez de pesquisas que tratassem do tema. Para embasar a nossa proposta de modo teórico, selecionamos o livro *Emblemas da Sagração Armorial: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial 1970/76,* da historiadora Maria Thereza Didier de Morais (2000). Esta obra é referência nos estudos acerca do Movimento Armorial e possibilitou compreender a representação da cultura popular por meio dos discursos e das atividades artísticas do Movimento Armorial. Outra obra utilizada foi o livro *Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial,* da pesquisadora Idelette Muzart Fonseca dos Santos (2000), que apresenta as questões estéticas e o universo armorial, destacando o Movimento Armorial como uma manifestação da cultura erudita comprometida com a cultura popular.

Destacamos também a tese de doutorado de Amilcar Almeida Bezerra (2013), denominada *(Re) inventando o autêntico: arte, política e mídia na trajetória intelectual de Ariano Suassuna*, apresentada ao programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Nesta obra o autor se propõe a analisar a trajetória artística e intelectual de Ariano Suassuna, utilizando de textos publicados em jornais por este escritor. Por fim, utilizamos a dissertação de mestrado de Lucas Pereira Arruda (2021), com o título *A atuação político-cultural de Ariano Suassuna: o Movimento Armorial e o nacional-popular no contexto da ditadura militar,* que permitiu entender a atuação política de Ariano Suassuna enquanto membro do Conselho Federal de Cultura (CFC) durante a Ditadura Militar no Brasil. No caso dos jornais, para entender o seu papel enquanto fonte e objeto de pesquisa, buscamos referencial teórico nos escritos do historiador José D' Assunção Barros e das historiadoras Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Lucca. Com base na análise destas obras percebemos lacunas que podem ser preenchidas em pesquisas futuras.

Em nossa análise buscamos entender quais foram as estratégias discursivas utilizadas pelo DP para repercutir o Movimento Armorial nas edições dos anos de 1970 até 1974. Para acessar as fontes recorremos à Biblioteca Nacional Digital, utilizando a Hemeroteca Digital, o que possibilitou a coleta de vasto material sobre o tema. Utilizamos como filtro a palavra 'armorial', identificando 1636 ocorrências no período de 1970 a 1979. Como a nossa proposta é estudar as publicações do DP de 1970 a 1974 e a Hemeroteca Digital possibilita apenas pesquisar por décadas, desconsideramos os demais anos.

A escolha do recorte temporal levou em consideração a data de criação do Movimento Armorial (18 de outubro de 1970), indo até o final do ano de 1974, período em que passam a surgir conflitos internos entre Suassuna e Cussy de Almeida, levando Suassuna a sair da direção do Departamento de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco (DEC) e se afastar da OAC, dando prioridade ao Quinteto Armorial (QA).

1.1. Apresentação da pesquisa e dos objetivos

O historiador que se propõe a utilizar o jornal como fonte e objeto deve levar em consideração inúmeros aspectos. É imperativo analisar os motivos que levam uma notícia a ser publicada em detrimento de outra, bem como, o local em que as notícias são veiculadas, se é na capa, nas colunas sociais, nos suplementos sociais, cadernos especiais ou outros.

O local da publicação e a seção podem revelar o peso com que a narrativa editorial dá a determinado assunto, que poderá ou não retornar nas publicações seguintes (Luca, 2005, p. 140). Seguindo este direcionamento, selecionamos as edições do DP com base nas seções do jornal tecendo uma análise crítica em relação aos tipos de notícias veiculadas.

Analisamos também as propagandas dos eventos sociais (público ou privado) envolvendo os sujeitos participantes deste movimento; destacamos o apoio de políticos, membros da alta sociedade e empresários que emprestaram seus nomes e o poder simbólico do lugar que ocupavam para divulgar o Movimento Armorial de modo direto ou indireto; e por fim, pontuamos entre os expoentes do Movimento Armorial, quais os tipos de notícias que são veiculadas discutindo seus objetivos e suas intenções frente as tramas sociais que foram identificadas na fase de coleta dos dados.

Delimitamos como objetivo geral a intenção de analisar as representações do Movimento Armorial no jornal *Diário de Pernambuco* no período de 1970 a 1974. Quanto aos objetivos específicos, buscamos analisar as relações entre o Movimento Armorial e o DP no contexto da Ditadura Militar; identificar o papel dos principais atores sociais na propagação e

representação do Movimento Armorial no DP e problematizar a construção do discurso acerca do Movimento Armorial no DP enfatizando suas propostas estéticas e políticas.

Esta pesquisa será do tipo exploratória que de acordo com Gil (1994) constitui a primeira fase de uma análise mais profunda. O resultado deste tipo de pesquisa poderá engendrar novos problemas que podem ser investigados utilizando de outros procedimentos metodológicos caso seja dado aprofundamento. Conforme destaca Gil (1994, p. 27)

> Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

O tratamento com os dados da pesquisa ocorreu através do método qualitativo, pois ele permite ao pesquisador afastar-se da preocupação com fatores numéricos, procedendo, então, com um aprofundamento da compreensão dos grupos sociais e/ou organizações sobre um dado tema. O pesquisador que escolhe esse método refuta um modelo uníssono de pesquisa para as ciências, estabelecendo, desta forma, uma metodologia própria (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 31):

> Uma vez que os dados foram coletados, trata-se de verificar se essas informações correspondem às hipóteses, ou seja, se os resultados observados correspondem aos resultados esperados pelas hipóteses ou questões da pesquisa. Assim, o primeiro passo da análise das informações é a verificação empírica. Mas a realidade é sempre mais complexa do que as hipóteses e questões elaboradas pelo pesquisador, e uma coleta de dados rigorosa sempre traz à tona outros elementos ou outras relações não cogitadas inicialmente. Nesse sentido, a análise das informações tem uma segunda função, a de interpretar os fatos não cogitados, rever ou afinar as hipóteses, para que, ao final, o pesquisador seja capaz de propor modificações e pistas de reflexão e de pesquisa para o futuro (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 58).

Temos como questionamentos os seguintes pontos: como o DP divulgou o Movimento Armorial? Quais eram os sujeitos ativos na propagação e divulgação do Movimento Armorial e por fim, quais motivos levaram o Estado autoritário a financiar o projeto armorial? Para responder a essas questões coletamos dados que tem relação direta com o Movimento Armorial; citações de artistas envolvidos com o movimento; casamentos e eventos sociais; apresentações da OAC e do QA no território brasileiro e estrangeiro; apresentações em prédios públicos ou privados (igrejas, clubes, escolas e em outros espaços que denotam poder ou prestígio social).

1.2. Revisão historiográfica sobre nosso tema

Existem inúmeros trabalhos em distintas áreas do conhecimento que abordam o papel do DP em diversos contextos históricos. No entanto, quando o assunto é a representação do Movimento Armorial no jornal DP na década de 1970, percebemos que a historiografia pouco se debruçou sobre o assunto. Durante a reunião das obras produzidas acerca do assunto, encontramos artigos, teses e dissertações sobre o Movimento Armorial, mas que em sua maioria deixam em segundo plano os jornais, que raramente são tratados como uma fonte ou um objeto de pesquisa. Muitos desses trabalhos abordam questões diversas, sejam elas ligadas à estética armorial, à atuação política dos protagonistas do Movimento, em especial Ariano Suassuna, e por fim, existem diversas pesquisas ligadas à área da música e de Letras.

Entre os trabalhos de maior repercussão acerca do Movimento Armorial, destacamos a obra da historiadora Maria Thereza Didier de Morais, denominada "*Emblemas da Sagração Armorial: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial 1970/76"*. A obra é o resultado da sua dissertação de mestrado e apresenta um conteúdo rico para o estudo do Movimento Armorial.

A análise que Didier (2000) realiza deste movimento nos limita apenas a compreender a estética armorial representada pelos anseios de Ariano Suassuna. Maria Thereza Didier de Morais trabalha com jornais e revistas, porém, não aprofunda as análises sobre as possibilidades que esses periódicos permitem ao pesquisador, ou seja, analisar um dado histórico considerando o contexto social, bem como, enxergar o jornal como um espaço dotado de subjetividades e que pode ser influenciado por fatores internos e externos.

Para a autora, o Movimento Armorial influenciou os intelectuais e a sociedade do período, levantando questionamentos acerca do que se entendia como cultura popular. Entre os jornais trabalhados pela autora, destacamos o *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Commércio, Jornal Opinião, Jornal Universitário, Jornal de Brasília, Jornal do Brasil, O Globo, Jornal O Estado de São Paulo, Jornal Movimento, Revista Visão, Revista Brasileira de Cultura*, entre outros. Os jornais, as revistas e os documentos estatais são fontes que subsidiam boa parte do primeiro e do segundo capítulo. No entanto, na abordagem dos jornais, a autora não aborda os sujeitos que estão por trás das narrativas jornalísticas, ou seja, as figuras inseridas no Movimento Armorial, sejam eles artistas e intelectuais, repórteres, políticos e militares.

A autora conceitua o que é o Movimento Armorial, descreve a estética e os valores armoriais, destacando a criação da Orquestra Armorial de Câmara do Recife (OAC) e do

Quinteto Armorial (QA), bem como, analisa a tese de doutoramento de Ariano Suassuna, expondo a perspectiva deste autor sobre as tradições populares, sua visão dionisíaca[2] da cultura, e por fim, o crédito que Ariano Suassuna dá ao homem sertanejo, sujeito que o autor acredita ser o responsável pela manutenção da cultura popular. Por fim, a autora apresenta uma análise da obra "*O Romance d'A pedra do reino"*, de Ariano Suassuna, que busca legitimar o ideal de uma cultura genuinamente brasileira, elencando o homem do sertão como base. A obra tece considerações positivas acerca do papel do homem sertanejo na construção da cultura popular, é um sujeito que nasce da fusão das raças negra, indígena e branca, e que foi incorporado nos anos de 1930 por Gilberto Freyre no discurso da harmonia entre as raças e que vai encontrar na proposta armorial uma base para permanecer vivo no campo da cultura.

Deste modo, Didier (2000) procede com uma análise das representações acerca do Movimento Armorial em um contexto em que as forças sociais dominantes introduzem na cultura brasileira a construção de um passado glorioso em que o Nordeste figura como centro.

É um Nordeste que se vislumbra como fonte da originalidade e identidade de uma nação em que a cultura é engendrada através de uma visão ufanista. Ao mesmo tempo em que se pensa o Nordeste como lócus de pobreza e atraso, ressalta-se como "a porção [do território nacional] que resiste à massificação industrial" (Didier, 2000, p. 35). É por meio desta imagem ambivalente que os discursos produzidos na imprensa cristalizam na sociedade a representação da cultura popular alicerçada pela tradição e que simboliza a resistência ao avanço do capitalismo.

A despeito de sua indiscutível importância historiográfica, a obra "*Emblemas da Sagração Armorial: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial 1970/76"* não realizou uma análise do jornal como fonte e objeto, nem problematizou a relação entre os protagonistas do Movimento Armorial, a imprensa e o Estado.

Outra autora que citamos é Idelette Muzart Fonseca dos Santos, que na obra *Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*, aborda o inventário poético legado pelo Movimento Armorial contribuindo "para que se tenha mais um trecho do painel da cultura brasileira" (Lima, 2000, p. 252). A autora apresenta o Movimento Armorial como uma manifestação cultural erudita que está comprometida com a cultura popular. Assim como Didier (2000), Santos (2009) não trabalha a produção dos discursos pelos jornais para

[2] "O 'ser castanho' [...] idealizado por Ariano Suassuna, apesar de caracterizar-se pela reunião de contrários, tende muito mais a uma dimensão dionisíaca do que apolínea, provindo daí o seu pendor para festas, sua efusão criativa" (Didier, 2000, p. 131, grifo do autor).

divulgar o Movimento Armorial, bem como, quais sujeitos estavam inseridos nessa narrativa e como esses sujeitos se relacionavam com as autoridades políticas no período proposto.

Outra obra que é referência na área é a tese de doutorado de Amilcar Almeida Bezerra, denominada *(Re) inventando o autêntico: arte, política e mídia na trajetória intelectual de Ariano Suassuna*, apresentada ao programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Nesta obra o autor utiliza os discursos produzidos por Ariano Suassuna no jornal Folha de São Paulo (1999-2001), bem como, revistas e entrevistas em meios digitais (*Youtube* e TV) para analisar a trajetória artística e intelectual de Ariano Suassuna, um "representante contemporâneo de uma tradição de pensamento cujos artífices, ao longo do século XX, elegeram como problemática central a questão da identidade nacional em sua relação com as culturas populares e a modernidade" (Bezerra, 2013, p. 10).

Além disso, o autor explora a projeção midiática alcançada por Ariano Suassuna destacando as tendências culturais da época e a relação entre o nacional e o popular. A tese de Bezerra (2013) é de suma importância para nossa pesquisa pois possibilita entender as tendências culturais do período, a relação entre Ariano Suassuna e o Estado, bem como, a exposição da arte produzida por ariano na televisão.

Outro trabalho que podemos destacar é a dissertação de mestrado de Lucas Pereira Arruda, com o título *A atuação político-cultural de Ariano Suassuna: o Movimento Armorial e o nacional-popular no contexto da ditadura*. Nesta dissertação, o interesse maior do autor é entender como Ariano Suassuna atuou politicamente durante a Ditadura Militar no Brasil, abordando também o papel de Ariano no Conselho Federal de Cultura (CFC), ocasião em que participou como membro nomeado pelo governo militar nas reuniões deste conselho no período entre 1970 e 1973. O autor utiliza jornais, entre eles o *Diário de Pernambuco*, revistas e boletins do CFC apresentando a noção de cultura para os expoentes do Movimento Armorial e representantes do Estado, porém o foco da pesquisa é problematizar o apoio prestado por Ariano Suassuna ao Estado de exceção. O autor conclui sua tese pontuando que na relação entre Ariano Suassuna e o Estado de exceção, o primeiro deu apoio ao projeto de política estatal por acreditar que os militares tinham interesse em fomentar uma cultura genuinamente brasileira com base nas raízes populares.

1.3 Metodologia e fontes de pesquisa

A utilização de jornais, revistas e panfletos, além de outros tipos de impressos como fonte e objeto de pesquisa é algo recente dentro da historiografia (Oliveira, 2011, p.125). Por muito tempo houve recusa dos historiadores em utilizar o jornal como fonte de pesquisa, isso remete ao século XIX e algumas décadas do século XX em que a tradição e a noção de uma história com foco na busca da verdade só poderia ser alcançada com a utilização de documentos oficiais, o que neste caso, exclui os jornais (Luca, 2005, p. 111 - 112).

A crítica ao Positivismo engendrada por Bloch (2001, p. 80) nos anos de 1940 remetia a essa historiografia que compreendia que apenas um tipo de documento seria capaz de responder aos problemas históricos. Entre os problemas que engendraram a transformação da ótica dos historiadores sobre o jornal como fonte, podemos citar a percepção antiga de que os periódicos são instrumentos de subordinação às elites dominantes, instrumentos que servem para propagar os ideais e valores dessas elites (Leite, 2015, p. 7). Essa visão pode explicar o porquê dos jornais como objeto e fonte na década de 1970 ainda serem considerados por uma gama significativa de pesquisadores como fontes não confiáveis, por não serem neutros, objetivos, bem como, não serem passíveis de credibilidade (Karawejczyk, 2011, p. 133). Ainda sobre esta problemática, Luca (2005, p. 112) diz que “nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para recuperação do passado, uma vez que ‘essas enciclopédias’ do cotidiano continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões”.

Outro grande problema quanto a utilização dos jornais como fonte historiográfica tinha relação com o que os historiadores entendiam como documento. Sobre isso, podemos discorrer que a virada de chave começa nos anos de 1970 com o aflorar de novas tendências historiográficas: “colóquios e obras, na maioria coletivas, fizeram o balanço das novas orientações da história" (Le Goff, 2013, p. 126). À medida em que a Escola Metódica positivista era criticada, surgiam possibilidades e olhares dentro da historiografia que levaram o historiador a caminhos diversos, possibilitando uma nova leitura das suas fontes de pesquisa que “deixaram de ‘falar por si’ e se tornaram passíveis de interpretação” (Oliveira, 2011, p. 126,).

Os pesquisadores passaram a enxergar novas possibilidades de fontes ao direcionarem seus olhares para a cultura, para o campo social e o cotidiano (Leite, 2015, p. 6). Por meio das novas possibilidades que surgiram com a Nova História, os historiadores passaram a utilizar

diversos tipos de fontes, deixando de lado a tradição que vislumbrava apenas a fonte textual como um documento, passando a considerar também, fontes imateriais (Barros, 2019, p. 4).

Antes mesmo desta virada de chave, alguns historiadores já alertavam para a ingenuidade com que se tratavam os periódicos, colocando-os como “receptáculos de informações a serem selecionadas, extraídas e utilizadas a bel prazer do pesquisador” (Luca, 2005, p. 116).

Com a Nova História ocorre a ampliação das possibilidades de pesquisa, incluindo, deste modo, os sujeitos historicamente marginalizados, “o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim, uma miríade de questões antes ausentes do território da história" (Luca, 2005, p. 113). A interdisciplinaridade e a ampliação das possibilidades de pesquisa no campo das ciências humanas permitiram aos historiadores uma renovação das técnicas e dos métodos de pesquisa, forçando-os a “repensar as fronteiras e as fontes da disciplina histórica” (Leite, 2015, p. 8).

Esse processo de diversificação das fontes na produção historiográfica nos leva neste momento, com base no vasto leque de produções historiográficas acerca do tema, a pensarmos o jornal como um objeto e uma fonte que pode ser trabalhada em uma pesquisa historiográfica.

Para iniciar tal análise é necessário antes de tudo compreender o que são os jornais no cotidiano e na cultura das sociedades que os produzem (Barros, 2021, p. 398). O jornal é para o pesquisador do século XIX e boa parte do século XX, um veículo de informações, o que é criticado por Barros (2021, p. 398) que o considera como um instrumento que produz discursos e cultura. Segundo Leite (2015, p. 10), o jornal não é um mero propagador de informações sobre as sociedades, ele participa da história e do contexto em que está inserido. Costa (2023, p. 251) afirma que o jornal é um agente histórico que tem a capacidade de influenciar e sofrer influência da sociedade em que está presente.

Enquanto fonte de pesquisa, os jornais devem ser incluídos na categoria de periódicos (Barros, 2021, p. 398). Entre as características que definem os periódicos, Barros (2021, p. 399) destaca a periodicidade, a materialidade e a publicização. Quanto aos jornais, Barros (2021, p. 400) produz um quadro esquemático em que estabelece oito características que o autor considera essenciais nos jornais. Segundo este autor, sem hierarquizar, os jornais apresentam as seguintes características: periodicidade; largo alcance; polifonia de textos; produção multi-autoral; interação entre informação e discurso; busca de vários segmentos leitores; efeito de realidade e abrangência de assuntos. A periodicidade se relaciona com a publicação em série de edições catalogadas por um determinado período. A seriação, portanto, invoca instrumentos

capazes de problematizar assuntos ligados à pesquisa proposta por um historiador, considerando que os jornais tendem a repetir assuntos por semanas (Costa, 2023, p. 252).

Quanto ao longo alcance, Barros (2021, p. 401) pontua que os jornais estão voltados para “captação das massas ou de segmentos ao menos significativos da população, com capacidade de abranger uma diversidade de assuntos de interesse público".

Costa (2023, p. 253) relata que a construção de um texto jornalístico é um trabalho coletivo, são diversos sujeitos atuando nessa relação que Barros (2021, p. 402) nomeia como polifonia de textos. Esta polifonia, é que define o jornal como uma produção multi-autoral, ou seja, os agentes discursivos se alternam em diferentes seções e setores do jornal, o que engloba a interação entre informação e discurso, a abrangência de assuntos, bem como, a variedade no segmento de leitores. A última característica, nomeada como efeito de realidade, é de suma importância para esta pesquisa já que ela permite entender como se constrói e como é representado um dado assunto através do discurso jornalístico (Barros, 2021, p. 403).

Em Barros (2021) são citados alguns aspectos que servem como parâmetro para o historiador que se dispõe a encarar uma pesquisa utilizando os jornais como fonte. Para tal empreitada, o historiador/pesquisador deve inicialmente compreender, conforme destaca Barros (2021, p. 403) que o discurso jornalístico tem como objetivo ser interpretado como verdadeiro, permitindo a projeção de uma imagem comprometida com a verdade. Ao historiador, cabe, no entanto, se ater a uma postura crítica, pensando o jornal como um produto que resulta dos conflitos, dos interesses e da manipulação dos sujeitos envolvidos neste processo (Leite, 2015, p. 13). É imperativo tecer considerações quanto a análise dos jornais como fonte histórica, e principalmente, levar em consideração o motivo pelo qual os jornais escolhem enfatizar uma notícia em detrimento de outra, o local em que a notícia é publicada, a repetição do conteúdo em edições posteriores, o tema e a linguagem utilizada (Luca, 2005, p. 40). Em relação ao trato que o historiador tem que ter quanto a análise do texto jornalístico, Leite (2015, p. 14) diz que

> [...] o historiador deve partir para a análise metodológica do periódico, buscando reunir e extrair, em um primeiro momento, o máximo de informações possíveis que possam permitir uma compreensão detalhada acerca do histórico do jornal. Dentre as principais questões o pesquisador procura responder, quem são os seus proprietários? Quando foi produzido? A qual público é direcionado? Quais são seus objetivos e intenções? [...] em um segundo momento, já com as informações básicas do periódico, o pesquisador pode iniciar sua análise pelo projeto gráfico e editorial, pelas formas de organização e a distribuição das matérias, cadernos, notícias, colunas e seções, e seguindo para a identificação dos proprietários, redatores, condições técnicas de produção, tiragens, preços, público, espaços de distribuição e circulação.

Outrossim, ao analisar um jornal o historiador não pode se eximir do entendimento de que os jornais são produzidos por sujeitos e que mesmo que esses sujeitos tentem ser imparciais, essa possibilidade é inexistente (Karawejczyk, 2011, p. 143).

1.4. Fundamentação teórica

Neste tópico apresentamos a base teórica, os principais autores e conceitos utilizados nesta pesquisa para analisar a repercussão do Movimento Armorial no DP. Como vimos na seção anterior, a historiografia no século XX passou por renovações que possibilitaram o aumento das fontes de análise, dos métodos e dos objetos utilizados na pesquisa histórica, sendo esse processo engendrado pela Nova História. Outras disciplinas já vinham fortalecendo seus métodos e o pessoal especializado, causando uma diminuição no domínio da história no ambiente acadêmico que ainda era na década de 1970, ligada aos campos econômicos e sociais. Segundo Chartier (1990, p. 14)

> O desafio lançado à história pelas novas disciplinas assumiu diversas formas, umas estruturalistas, outras não, mas que no conjunto puseram em causa seus objetos - desviando a atenção das hierarquias para as relações, das posições para as representações - e suas certezas metodológicas - consideradas mal fundadas quando confrontadas com as novas exigências teóricas.
> [...] A resposta dos historiadores foi dupla. Puseram em prática uma estratégia de captação, colocando-se nas primeiras linhas desbravadas por outros. Daí a emergência de novos objetos no seio das questões históricas: as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentescos e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, etc.

O retorno ao pensamento da Escola dos *Annales*[3], direciona "o estudo das utensilagens mentais que o domínio de uma história dirigida antes de mais para o social tinha em certa medida relegado para segundo plano" (Chartier, 1990, p. 14-15). Com a ampliação das possibilidades de pesquisa na historiografia, a terceira geração dos *Annales*[4] retornou aos estudos das mentalidades e delegou o distanciamento com a história das ideias que procurava no individual a marca mental (Fonseca, 2013, p. 31).

Na historiografia francesa dos anos de 1960, a história das mentalidades qualifica um novo modelo de fazer história sem estabelecer as ideias ou os fundamentos econômicos da sociedade (Chartier, 2002, p. 34). De acordo com Veyne (1995, p. 76) "nada mostra melhor as

[3] O autor tem como base o pensamento da década de 1930.
[4] [...] na geração de Braudel, a história das mentalidades e outras formas de história cultural não foram inteiramente negligenciadas, contudo, situavam-se marginalmente ao projeto dos Annales (Burke, 2010, p. 91).

dimensões coletivas do indivíduo que o estudo das mentalidades; na verdade, analisar uma mentalidade é analisar um coletivo".

A Representação, como conceito, emerge então como uma possibilidade de compreender a dinâmica e a complexidade do mundo social e das práticas culturais (Coelho, 2014, p. 95). A representação segundo Chartier (1990) encontra amparo nas sociedades do Antigo Regime[5] e se manifesta por meio de sentidos que parecem um tanto contraditórios.

> [...] A este respeito [...] as definições antigas do termo [...] manifestam a tensão entre duas famílias de sentidos: por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém (Chartier, 1990, p.20).

Segundo o autor, o primeiro sentido leva ao conhecimento imediato que faz um objeto ausente ser visto por uma imagem que tem a capacidade de reconstituir o objeto em memória e o representar. "Representar, portanto, é fazer conhecer as coisas mediatamente pela "pintura de um objeto", "pelas palavras e gestos", "por algumas figuras, por algumas marcas" – tais como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias" (Chartier, 2011, p. 17).

Outras imagens são pensadas pelo valor simbólico que possuem estabelecendo uma relação entre o signo visível e o referente que ele está significando. Desta forma, representar também é exibir, e conforme o autor "é a demonstração de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa" (Chartier, 2002, p. 166).

Essa relação de imagem presente e objeto ausente guia o pensamento clássico permitindo especificar as diferentes categorias de significado (Chartier, 1991, p. 184).

Conforme o autor, a distinção entre "representação e representado, entre signo e significado, é pervertida pelas formas de teatralização da vida social do Antigo Regime" (Chartier, 1990, p.21). Tem-se então como objetivo fazer com que uma coisa só exista ligada a um signo que o exibe, manipulando o seu significado, impedindo que os sujeitos enxerguem o seu verdadeiro significado. Esta reflexão leva Chartier a destacar que "assim desviada, a representação transforma-se em uma máquina de fabricar respeito e submissão, em um instrumento que produz uma imposição interiorizada, necessária lá onde falta o possível recurso à força bruta" (Chartier, 2002, p. 75).

As reflexões de Chartier (1990; 1991; 2002) remetem às representações de um mundo social que é fundado com base na razão, mas que é determinado pelas elites que as moldam. É

[5] Chartier utiliza a edição de 1727 do *dictionnaire universel de Furetière* para definir os conceitos de representação utilizados pelo Antigo Regime.

um mundo social representado em um espaço de concorrências que transpassam o poder e a dominação (Chartier, 1990, p. 17).

A análise que pretendemos produzir problematiza a construção deste mundo social pelo DP que não foi indiferente ao contexto da época: seguiu o caminho de diversos periódicos brasileiros e foi complacente com a ação repressora, emitiu discursos que valorizavam as políticas econômicas da ditadura, exaltou o esporte nacional e negou o empobrecimento do povo (Barbosa, 2010, p. 195-196).

1.5. Estrutura do texto

Optamos por dividir esta pesquisa em dois capítulos, sendo o primeiro dividido em três tópicos e o segundo em dois. No primeiro capítulo e tópico abordamos brevemente o nascimento da imprensa no Brasil, tecendo considerações quanto ao processo que permitiu o desenvolvimento tardio da imprensa brasileira. No tópico seguinte expomos a trajetória do jornal DP, buscando com isso trabalhar o desenvolvimento do jornal ao longo dos anos, enfatizando o papel de seu fundador e posteriores donos que utilizaram de estratégias comerciais e políticas para manter o jornal funcionando. No último tópico analisamos a vida de Assis Chateaubriand, um empresário e jornalista que ampliou as possibilidades da rede *Diário Associados*, incorporando vários jornais, inclusive o DP, construindo assim um grande império jornalístico. Em suma, o capítulo busca problematizar os dois lados que um jornal possui, o lado institucional e o lado que remete ao produto físico, que chega às massas com discursos alinhados às elites locais e nacionais.

Iniciamos o segundo capítulo apresentando o Movimento Armorial, foi apresentado ao público por meio da OAC no dia 18 de outubro de 1970. Destacamos os seus expoentes, a estética e os valores propostos por esta manifestação artística e cultural que contou com o apoio do regime militar, da imprensa pernambucana e nacional, e de membros das classes mais abastadas. Pontuamos que a divulgação intensa feita principalmente pelo DP contribuiu para que o Movimento Armorial ganhasse espaço na cena cultural da cidade local.

Em continuidade apresentamos no segundo tópico os olhares do Diário de Pernambuco sobre o movimento, bem como, as luzes que estas notícias jogaram sobre os agentes culturais da época.

2. A TRAJETÓRIA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1925 - 1974)

Este capítulo aborda a trajetória do jornal DP, da sua fundação até o ano de 1974. Para tal, seguiremos um roteiro que passará do surgimento da imprensa no Brasil, a utilização do jornal como fonte histórica e o DP enquanto empresa vinculada ao *Diários Associados*. O interesse em trabalhar a questão do nascimento da imprensa está ligado ao entendimento de que o jornal apresenta duas concepções de natureza distinta, que se mesclam e estão interligadas, ou seja, existe o jornal enquanto instituição e o jornal como um produto físico ou como um espaço em que as notícias são veiculadas. Logo após trabalhamos a fundação do D*P* e sua relação com as elites, destacando o papel de seus proprietários ao longo dos anos e a transformação que o jornal sofreu quando foi incorporado por Assis Chateaubriand aos *Diários Associados*.

2.1. O nascimento da imprensa no Brasil

A imprensa brasileira nasceu por volta de 1808 com as veias ligadas à política e aos grupos dominantes que enxergam no produto impresso um meio de propagar seus valores (Cohen, 2012, p. 104). A imprensa brasileira surge com a chegada da corte portuguesa no Brasil que fugia do avanço das tropas francesas e espanholas comandadas por Napoleão Bonaparte (Oliveira, 2011, p. 132). A imprensa que até então era proibida de existir no Brasil, nasce em um contexto de transformação das estruturas sociais (Martins; Luca, 2012, p. 8). Outrossim, o Brasil que até então era colônia de Portugal, passa a almejar um *status* superior, possibilitando as elites a obtenção de cargos que outrora foram negados.

No período que antecede a chegada da corte portuguesa existiam obras impressas produzidas no Brasil, além dos livros que já eram uma realidade (Morel, 2012, p. 24). O autor cita a existência de impressos, relatos de festas, manuscritos, entre outros, e destaca que:

> A partir de 10 de setembro de 1808 passa a sair a Gazeta do Rio de Janeiro, na Impressão Régia então recém-instalada no território do Novo Mundo com a chegada da Corte portuguesa. Redigida inicialmente por Frei Tibúrcio da Rocha, que abandonou essa atividade quatro anos depois com a morte de D. Rodrigo de Sousa Coutinho (responsável direto pelo jornal). Em seguida, o redator foi Manuel F. de Araújo Guimarães (até meados de 1821), o mesmo que redigiria também O Patriota (1813-14) e O Espelho (1822), ambos no Rio de Janeiro. Com a mudança de orientação política após o movimento liberal português de 1820, a Gazeta do Rio de janeiro tem novo redator, o cônego Vieira Goulart, que publicaria também O Bem da Ordem, jornal que pretendia ser lido pelo "povo rude e sem aplicação às letras", segundo suas próprias palavras (Morel,2012, p. 30)

O jornal Correio Braziliense ou Armazém Literário, foi criado por Hipólito José da Costa - diplomata, jornalista e adepto da maçonaria - que imprimia as edições do jornal em Londres e enviava para Portugal (Mello, 2009, p. 82). Hipólito, portanto, estava incluído dentro de uma rede de apoio mútuo, prática comum entre os membros da maçonaria que aglutinavam em seu núcleo uma parte da imprensa e boa parte dos líderes políticos da época (Barros, 2021, p. 414). Morel (2012, p. 31-32) complementa destacando que

> É comum colocar-se, em estudos históricos, a contraposição entre a Gazeta do Rio de Janeiro (enquanto jornal oficial) e o Correio Braziliense (que fazia críticas ao governo). Porém, uma comparação atenta indica que, além dessa evidente dicotomia oposição/ situação, existiam convergências entre estes dois periódicos. Tanto a Gazeta quanto o Correio defendiam idêntica forma de governo (monárquica), a mesma dinastia (Bragança), apoiavam o projeto de união luso-brasileira e comungavam o repúdio às ideias de revolução e ruptura, padronizado pela crítica comum à Revolução Francesa e sua memória histórica durante a Restauração. Além desses fatores, uma leitura sistemática indica como, a partir de meados de 1821 (após a Revolução do Porto e com o ministério de José Bonifácio e convocação da Constituinte brasileira), a Gazeta do Rio (o título é reduzido) passa a defender o liberalismo e a modernidade política (citando Rousseau e outros da mesma linha).

"Com a criação da tipografia oficial, começam a ser produzidos não apenas a *Gazeta* e a documentação governamental, mas também outras obras populares como folhinhas, almanaques e textos literários e de cunho científico" (Oliveira, 2011, p. 132). Destacando a permissão que a corte portuguesa concedeu para que a imprensa atuasse no Brasil, Hipólito disse o seguinte:

> O mundo talvez se admirará com o que eu vou enunciar como uma grande novidade, que se pretende estabelecer uma imprensa no Brasil; mas tal é o fato. Começou o século XIX, e ainda os pobres brasilienses não gozavam dos benefícios que a imprensa trouxe aos homens [...] eu quero aqui registrar este fato para que em memória, e emitirei algumas reflexões sobre o governo português [...] por que espero que esta lição que os tempos nos oferecem lhes abra os olhos, dando-lhes a conhecer que somente a prosperidade do povo é quem a prosperidade do governo[6]

Hipólito elogia a iniciativa da corte portuguesa, mas também critica o atraso a que os brasileiros foram submetidos.

Com a Proclamação da Independência do Brasil, em 1822, surge o interesse das elites em se apropriar da força política que se expressa na, e pela imprensa (Oliveira, 2011, p. 133). Dezenas de impressos são criados no decorrer do processo de mudança política, econômica e social no Brasil do século XIX, o primeiro, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, publicava notícias sobre política internacional, os atos da corte, a publicidade dos negócios, o cotidiano e a venda de diversos produtos, entre eles, escravizados (Mello, 2009, p. 80).

[6] Correio Braziliense, 1808, n. 1, p. 393.

Por meio da imprensa se dá cobertura aos processos históricos com que o Brasil vivencia ao longo das décadas do século XIX, como por exemplo, a Proclamação da República, processo histórico que fora narrado entoando os acalorados debates entre republicanos e monarquistas.

Desde o início do século XX, à medida que se abrandava o clima político, surgia a imprensa organizada e/ou empresarial e a imprensa operária que passaram a dividir espaço com a imprensa político-partidária (Oliveira, 2011, p. 138). Considerando a capacidade de penetração nas diversas classes sociais, os jornais transformam-se em um "poderoso ator político nas sociedades contemporâneas" (Barros, 2021, p. 404).

É sobre o jornal de caráter empresarial que pretendemos analisar e problematizar as representações e a repercussão do Movimento Armorial em Pernambuco no jornal Diário de Pernambuco.

2.2. Da fundação ao rosismo

O *Diário de Pernambuco* nasceu no dia 7 de novembro de 1825, fundado pelo tipógrafo Antônio José de Miranda Falcão, companheiro de Frei Caneca no periódico *Typhis Pernambucano*, que foi preso por envolver-se na Confederação do Equador (1824). Em sua primeira edição o fundador relatou que a proposta inicial do periódico era divulgar anúncios e transações comerciais, pois faltava na cidade um diário que pudesse facilitar os negócios e comunicar as notícias.[7] No entanto, no decorrer do processo de construção de uma linha narrativa e editorial, o jornal passaria ao longo dos anos a penetrar cada vez mais nas questões políticas da província, levando alguns de seus proprietários a se envolverem em processos judiciais, gerando animosidades com o governo vigente. Mesmo que uma análise mais substancial do perfil político do DP nos direcione para um perfil mais conservador, os embates com os representantes do poder no Brasil marcariam a história deste periódico que por diversas vezes parou de circular por divergência de pensamento com o governo, em alguns momentos por pequenos períodos de tempo e em outros chegando a ficar um ano de portas fechadas (Nascimento, 1962).

Com a passagem do século XIX para o século XX, a sociedade brasileira vivenciou ares de modernidade, uma República nova, com a mácula do escravismo ainda pulsando em suas veias revelando suas próprias contradições. O DP, no final do século XIX, passou por

[7] Diário de Pernambuco, 7 de novembro de 1825, nº 1, p.1.

momentos de decadência, perdendo colaboradores, editores e colunistas, e para inflamar a situação morreram o fundador, o coproprietário e alguns herdeiros da empresa. O corolário deste processo seria publicado em 20 de dezembro de 1900, quando alguns poucos jornais divulgaram o resultado do leilão do Diário em que saiu vencedor o Conselheiro Francisco de Assis Rosa e Silva (Nascimento, 1962, p. 111). O cabeçalho contendo o nome do proprietário, Manoel Figueiroa de Faria & Filhos, destacando os redatores - Witruvio Pinto Bandeira, Manoel Arão e Pinto Mendes, só permaneceria até o dia 24 de março de 1901, data em que o DP publicou nota informando aos assinantes que o jornal passaria por uma nova fase e por este motivo as publicações ficariam suspensas até o começo de abril[8]. A primeira edição em que consta o novo proprietário e redator não reduziu ao olvido a história do jornal, já em sua primeira página, as notas contidas contam a história, mesmo que resumida, em que se vangloria o passado do seu fundador e dos antigos donos, apontando, contudo, para os novos rumos do periódico e principalmente sua posição de neutralidade política, a despeito das posições do jornal serem marcadamente a favor do grupo político Rosista.

O atual proprietário disputou as eleições governamentais no dia 5 de novembro de 1911 pelo Partido Republicano, enfrentando o General Emídio Dantas Barreto. Rosa e Silva saiu vitorioso do pleito contabilizando 2.229 votos. A vitória ocasionou inquietação entre os apoiadores de Dantas Barreto, levando medo às ruas do Recife, sendo necessária a atuação da Polícia e a suspensão das publicações do periódico. O clima político circundava a sede do *Diário*, os dantistas afirmaram que ocorreram fraudes nas eleições, e após intervenção de Herculano Bandeira de Mello, presidente da Assembleia Legislativa de Pernambuco, Dantas Barreto assumiu o governo do Estado.

O jornal foi novamente suspenso devido às publicações do dia 25 de novembro, retornando apenas no dia 14 de janeiro de 1912. O clima desfavorável ao DP ainda pairava no ar. Assis Chateaubriand já integrava o corpo editorial do jornal e, junto com Rosa e Silva Júnior, foi preso em fevereiro de 1912. Poucos dias depois, o jornal seria novamente suspenso, retornando apenas no ano seguinte (Nascimento, 1962, p. 130).

O DP retornou às atividades, porém, pouco tempo depois foi vendido ao Coronel Carlos Benigno Pereira de Lira, que deu continuidade à expansão do jornal. Em 1931, o DP foi novamente vendido, e desta vez para uma empresa com uma tessitura mais sólida, sendo

[8] Diário de Pernambuco, 24 de março de 1901, nº 68, p. 1.

incorporado no dia de 17 de junho aos *Diários Associados* Ltda, de propriedade do advogado, jornalista e empresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello[9].

2.3. Assis Chateaubriand e a incorporação aos Diários Associados

A história do *Diário de Pernambuco* está imbricada com a história da imprensa nacional e pernambucana. O DP passou por períodos de frenesi com o aumento das vendas diárias, aumento no número de assinaturas e mudança no maquinário, mas, o jornal também sofreu o que a grande maioria dos jornais do período vivenciou: o fechamento das tipografias (seja por motivos financeiros ou políticos), demissões, aumento dos preços das assinaturas, mudança de proprietários e principalmente embates com o governo. Não obstante: o DP sobreviveu.

A sociedade brasileira nasceu e cresceu com a imprensa, sendo uma, o motivo de explicação para outra. Ambas amadureceram juntas, sendo a imprensa objeto e sujeito da história do Brasil (Martins; Luca, 2012, p. 8). O Brasil na década de 1930 vinha passando por mudanças significativas em sua estrutura política, econômica e social propiciada pela instalação do Governo Provisório. O DP passava por reformulações em sua estrutura administrativa e editorial para se enquadrar a perspectiva gerencial do *Diários Associados* presidida por Assis Chateaubriand.

Quem era Assis Chateaubriand? No seio familiar, entre amigos e no mundo dos negócios essa figura emblemática e polêmica também era conhecida como Chatô e no auge do sucesso empresarial foi dono de 90 empresas, sendo 9 emissoras de TV, 28 rádios, a revista *O Cruzeiro* que alcançou grande sucesso, além de inúmeros jornais (Laurenza, 2012, p. 179 - 180). Chateaubriand construiu um império jornalístico que teve início com a compra do periódico *O Jornal*, em 2 de outubro de 1924, que pertencia a Renato Toledo Lopes.

"Nos anos que se seguiram a essa compra, o jornalista moldou a postura oposicionista de seu jornal e enfrentou a perseguição e o estado de sítio implementados pelo governo de Arthur Bernardes" (Matos, 2010, p. 77).

Chateaubriand não ficou enclausurado no mundo empresarial, ele buscou novos horizontes e possibilidades. Nascido na cidade de Umbuzeiros, na Paraíba, essa figura polêmica além do ramo jornalístico, foi proprietário dos laboratórios Schering, do Licor de Cacau Xavier,

[9] "A transação de transferência teve a assinatura, por parte da nova sociedade, de Jáder de Andrade, presidente; Salvador Nigro, diretor-gerente, e José Rodrigues dos Anjos, diretor-secretário, e por parte dos vendedores: Severina Pereira de lira, Salvador Pereira de Lira, Alfredo Bastos Tigre, Carlos Lira Filho, José da Rocha Cavalcanti e Cônego Benigno Pereira de Lira. Preço do negócio: Seiscentos contos de réis, com pagamento à vista de uma sexta parte (Nascimento, 1962, p. 152).

criador do Museu de Arte de São Paulo (MASP), fazendeiro, senador pelo Estado da Paraíba (1952 - 1955) e pelo Estado do Maranhão (1955 - 1957)[10], embaixador do Brasil no Reino Unido e membro da Academia Brasileira de Letras[11].

Em 1925, o DP no ano de aniversário do seu centenário possuía em seu corpo editorial figuras ilustres, entre elas, intelectuais que moldaram o pensamento da época à sua maneira. Destacam-se “Gilberto Freyre, redator especial; Mario Melo, [...], Austro Costa, [...] Samuel Campelo (Nascimento, 1962, p. 150 - 151).

Inserido em uma rede de comunicação ampla, contando com outros jornais e meios de comunicação, o DP ampliou os seus horizontes, demonstrando assim a força da nova direção.

Ao longo dos seus pouco mais de 100 anos de existência, este periódico diferentemente de outros que sucumbiram por diversos motivos, foi capaz de resistir aos embates com o Império, a República, Arthur Bernardes, Washington Luís e Getúlio Vargas, sendo este último uma figura que modificou a estrutura política do Brasil e que era visto por Chateaubriand como um homem capaz de reconstruir a nação. O DP incorporado ao império jornalístico de Chatô travou embates com o governo estadual e federal, se envolveu em polêmicas, apoiou candidatos conservadores usando do seu poder de noticiar para encaminhar aos leitores suas perspectivas ideológicas.

Na década de 1960, com as transformações sociais oriundas do campo e das fábricas, as elites nutriram um medo exacerbado de que as lutas sociais travadas pelas classes trabalhadoras no Brasil fossem capazes de causar desordem, corromper os valores morais, a família e a religião. A grande ameaça, assim como em 1930, “é o comunismo ateu que [...] invadiu o processo político, assombrando as consciências" (Reis, 2000, p. 27).

De modo paradoxal, Chateaubriand intitula-se um defensor dos direitos civis, principalmente no que tange aos trabalhadores. Segundo o biógrafo Fernando Morais (1994), o pensamento chateaubriano está imerso em contradições. Chateaubriand transita de modo contraditório entre as correntes de pensamento políticos vigentes na época e em nossa atualidade: ele nunca se declarou um homem de esquerda, ao contrário, era conservador, porém defensor do protecionismo estatal. Era um homem conservador que objetivava, de acordo com as suas próprias palavras: "defender os interesses do povo brasileiro".

---

[10]SENADO. Assis Chateaubriand. Brasil, [s.d]. Disponível em: https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/1658. Acesso em: 07 jun. 2024.

[11][...] substituto do ex-presidente Getúlio Vargas na cadeira nº 37 da Academia Brasileira de Letras [...] (Laurenza, 2012, p. 180 - 181).

Se por um lado Assis refuta o fascismo, por outro lado, posiciona-se contrário ao socialismo e ao comunismo. Finalmente, dizia-se nacionalista.

No contexto dos primeiros anos da chamada Era Vargas, o clima harmônico entre o governo e a imprensa duraria pouco tempo. Passados dois anos da Revolução de 1930, de acordo com Luca (2012, p. 168)

> [...] o movimento de julho de 1932 em São Paulo originou fissuras muito mais profundas e foi apoiado não apenas pelos diários paulistas como também por vários jornais do Rio de Janeiro, inclusive os Diários Associados, o que levou Chateaubriand e seu irmão Oswaldo à prisão e quase resultou na falência do grupo, que enfrentou forte cerco do governo.

Assis apoiou a queda de Getúlio Vargas em 1945 e o DP seguiu a mesma linha, mostrando-se favorável à candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes para presidência da República, concorrendo pela União Democrática Nacional (UDN). Não apenas o periódico, mas também a própria sede do DP foi utilizada para fazer propaganda contrária ao general Eurico Gaspar Dutra, candidato do Partido Social Democrático (PSD) e ao movimento 'queremista', que propagou na sociedade a ideia da candidatura de Vargas. Esse apoio paralisou a redação do jornal por dois dias e custou a vida do estudante Demócrito de Sousa Filho, que foi baleado na testa no dia 3 de março de 1945, após uma confusão iniciada na praça da Independência, além dele, sucumbiu um comerciante (Nascimento, 1962, p. 167).

Em 1950, Chateaubriand utilizou de sua articulação política para encabeçar uma campanha para colocar Vargas novamente no poder. Getúlio Vargas concorreu pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e venceu as eleições. Em troca do apoio dado a Vargas, Chateaubriand visando se proteger de processos e/ou perseguições políticas, tenta convencer Vargas a abrir um pleito eleitoral em 1952 para concorrer a vaga de senador, quando as eleições previstas deveriam ocorrer em 1954. Chateaubriand seria eleito senador.

Além dos dois mandatos seguidos de senador, Assis cobrou a efetivação de acordos firmados com Juscelino Kubitschek, candidato apoiado pelos *Diários Associados*. Em resposta, Assis foi nomeado embaixador do Brasil no Reino Unido, ficando no cargo de 1957 até 1959.

Quando os coturnos dominaram o Estado, o DP e boa parte da imprensa apoiou os militares no famigerado 31 de março de 1964. No dia 1 de abril de 1964, o DP passou a dar cobertura intensa aos acontecimentos envolvendo as forças armadas e o presidente João Goulart. Nesta mesma edição, se por um lado o jornal ressalta o clima de 'atenção' dos órgãos militares e policiais, a sociedade civil no Estado de Pernambuco, pela leitura deste periódico,

vivenciava um clima de tranquilidade; por outro lado, com o título "Forças militares de Minas rebelam-se contra João Goulart e os comunistas", o periódico ressalta que

> O presidente da República procurou infundir, em todos os espíritos, a certeza de que fala em nome do operariado brasileiro, quando é certo que fala em nome de um Estado estrangeiro cujos interesses imperialistas [...] e o atual governo, cujo projetos negam a soberania do Brasil, vem servindo a essas organizações, dando-lhes apoio oficial ou oficiosamente, oferecendo-lhes até mesmo , a faculdade de nomear e demitir ministros, generais e altos funcionários, objetivando, assim por conhecido processo abertamente totalitarista, negar a federação da República, a ordem jurídica e até mesmo o progresso social [...] O presidente da República, que ostensivamente se nega a cumprir seus deveres constitucionais, apresentando-se como chefe de um Governo comunista, não merece ser havido como guardião da Lei Magna e, portanto, há de ser afastado do poder de que abusa, para de acordo com a lei, operar-se sua sucessão e mantida a ordem jurídica.[12]

Chateaubriand é ativo politicamente e tem o costume de assinar colunas para tomar nota de assuntos ligados à política e economia a nível local e nacional[13]. Chateaubriand utiliza a sua cadeia de periódicos para reproduzir discursos carregados de um ideal de verdade. Deste modo, nesta construção narrativa se formam leitores e se constituem sentidos para o cenário político sem proporcionar brechas para o diálogo (Barbosa, 2010, p. 181).

É por meio dos artigos publicados nas páginas dos jornais da rede *Diários Associados* que Chateaubriand estabelece um diálogo com o pensamento político da época. Chateaubriand utilizou a política para favorecer a sua rede jornalística e o inverso também: soube utilizar do poder da imprensa para interferir e influenciar o eleitorado em vários momentos chaves da história, como a Revolução de 1930 e o golpe civil-militar de 1964.

Assis Chateaubriand faleceu às 21 horas e 15 minutos do dia 4 de abril de 1968, deixando um legado para a história do DP e da imprensa brasileira.

---

[12] Diário de Pernambuco, 1 de abril de 1964, nº 74, p. 2.

[13] Laurenza (2012, p. 180) relata que Assis tinha o costume de utilizar nos jornais os pseudônimos "Macaco Elétrico" e "A. Raposo Tavares".

3. A REPERCUSSÃO DO MOVIMENTO ARMORIAL NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1970 - 1974)

Neste capítulo abordamos em um primeiro momento a criação do Movimento Armorial e divulgação no *Diário de Pernambuco*. O Movimento Armorial foi apresentado ao público por meio da Orquestra Armorial de Câmara do Recife (OAC) no dia 18 de outubro de 1970. Ao longo do ano seguinte, o jornal intensificou a propaganda, abordando positivamente as propostas estéticas e os valores do Movimento Armorial.

Na última seção apresentaremos a análise dos dados coletados nas edições do DP, contidas no site da Biblioteca Nacional Digital, utilizando a Hemeroteca Digital[14]. O filtro utilizado foi a palavra 'armorial', sendo então identificadas na Hemeroteca 1636 ocorrências no período de 1970 a 1979. Considerando que o nosso recorte temporal é de 1970 a 1974, o número de ocorrências analisadas foi de 874. No ano de 1971 a palavra 'armorial' apareceu 152 vezes; em 1972 foram 265; em 1973 foram 221 e por fim, em 1974 foram registradas 180 ocorrências[15]. Como podemos perceber, nos anos de 1971 e 1972 a divulgação do Movimento Armorial foi mais intensa que em 1973 e 1974, sendo que a partir de 1971 entra em cena o Quinteto Armorial (QA) que não possuí tanto destaque quanto a OAC, mas que também é agraciado com as divulgações dos eventos que participa.

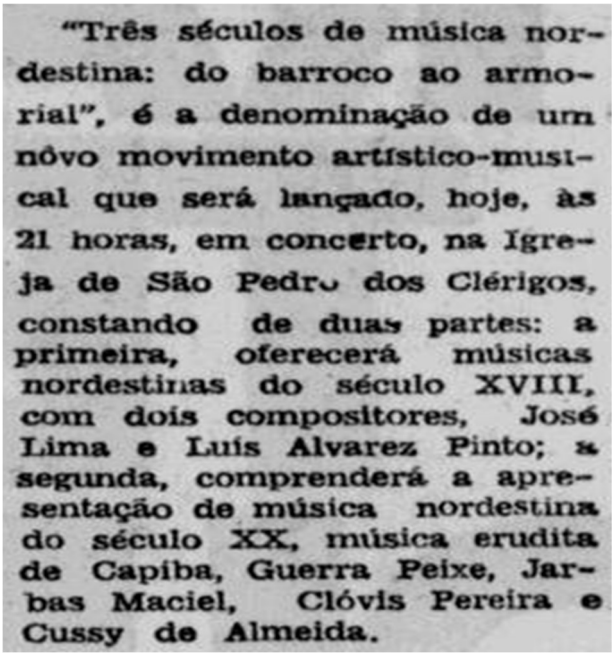
3.1. O Movimento Armorial

Com grande destaque nas páginas do jornal DP, o Movimento Armorial foi lançado oficialmente no dia 18 de outubro de 1970 em um concerto intitulado "Três séculos de música nordestina: do barroco ao Armorial", que ocorreu na Igreja de São Pedro dos Clérigos, no Recife. O novo evento cultural foi veiculado na edição nº 245 do dia 18 de outubro de 1970, com o título 'Novo movimento musical surgirá hoje no Recife'.

[14] A busca na Hemeroteca Digital é padronizada por décadas.

[15] Os registros levam em consideração a quantidade de notícias veiculadas que tem relação com o Movimento Armorial, entrevistas com artistas envolvidos, explicações acerca do movimento, lançamento de livros com a temática armorial, divulgação de concertos, dentre outros. Não contabilizamos a quantidade de vezes que a palavra armorial é escrita nas matérias, pois, não nos convém realizar uma análise quantitativa ou linguística, mas sim, operacionalizar a repercussão do Movimento a partir das publicações do Diário de Pernambuco que utilizou de seu aparato editorial.

Figura 1 - Trecho da reportagem “Novo movimento musical surgirá hoje no Recife”



"Três séculos de música nordestina: do barroco ao armorial", é a denominação de um nôvo movimento artístico-musical que será lançado, hoje, às 21 horas, em concerto, na Igreja de São Pedro dos Clérigos, constando de duas partes: a primeira, oferecerá músicas nordestinas do século XVIII, com dois compositores, José Lima e Luís Alvarez Pinto; a segunda, comprenderá a apresentação de música nordestina do século XX, música erudita de Capiba, Guerra Peixe, Jarbas Maciel, Clóvis Pereira e Cussy de Almeida.

Fonte: Diário de Pernambuco, 18 de outubro de 1970, nº 245, p.32.

Nesta mesma edição, em entrevista concedida no dia da estreia, Ariano Suassuna respondeu aos questionamentos do público que prestigiou o evento e estranhou a utilização do substantivo ‘armorial’. De acordo com Ariano Suassuna, dentro do Movimento Armorial a palavra ‘armorial’ deixa de ser um substantivo e passa a ser utilizada como adjetivo. O termo, segundo o escritor,

> É ligado aos esmaltes da Heráldica, limpos, nítidos, pintados sobre metal ou, por outro lado, esculpidos, com animais fabulosos, cercados por folhagens, sóis, luas e estrelas. O Movimento Armorial é ligado ao Nordeste, um espaço de inspiração para as obras armoriais e que reproduz as contradições entre o campo social e econômico. No universo armorial, o Nordeste é mítico e histórico (Suassuna *apud* Santos, 2009, p. 19).

É nessa região que os precursores do Movimento Armorial vão buscar a matéria prima para criação de suas artes, é um “Nordeste definido em termos de carência e de necessidade, um Nordeste chamado sertão” (Santos, 2009, p. 64).

Didier (2000) destaca que o Nordeste é um espaço comum aos cantadores e aos armorialistas que reafirmam a sua nordestinidade. É nesta região que, de acordo com o historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2011, p. 99), Ariano constrói um Nordeste que se liga ao passado medieval da Península Ibérica. O Nordeste de Ariano é sacramental e sertanejo, é um espaço em que existe nobreza, é um reino místico que o escritor armorial utiliza como base para construção de sua epopeia.

Ariano Suassuna buscava afastar do Nordeste a imagem de atraso e pobreza formulada principalmente pelo eixo sul, apresentando-o como uma região que possuía "um passado cristalizado, rico de cultura popular, fonte da possível originalidade da cultura brasileira" (Didier, 2000, p. 35). O Movimento Armorial nasce no Nordeste apoiando-se na cultura popular para criar uma nova arte brasileira. Os adeptos do projeto armorial entendem que a autenticidade da cultura brasileira está na cultura popular, que no Nordeste, mais especificamente no sertão, manteve-se pura, definindo assim a cultura brasileira (Santos, 2009, p. 24).

Os precursores do Movimento Armorial entendem o barroco de origem ibérica e a cultura popular nordestina como a base da cultura nacional (Didier, 2000, p. 36). Liderado pelo escritor Ariano Vilar Suassuna, o Movimento Armorial surgiu em Pernambuco em plena Ditadura militar (1964 – 1985) e tinha como objetivo expresso contribuir para a criação de uma arte erudita tipicamente brasileira a partir das manifestações culturais populares, ibéricas e nordestinas. Este movimento cultural é o resultado das pesquisas realizadas desde os anos de 1940 por Ariano Suassuna, Jarbas Maciel, Capiba, Cussy de Almeida, Clóvis Pereira e Guerra Peixe.

O Movimento Armorial surgiu em um momento delicado do país em que a censura e a repressão aos movimentos sociais, estudantis e culturais estavam em seu auge. Mesmo com a interrupção da democracia e o cerceamento às manifestações culturais, o Movimento Armorial manteve boas relações institucionais com os militares, garantindo desta forma apoio financeiro e apoio da imprensa. Os artistas armoriais não foram incomodados pela censura (Bezerra, 2013, p. 163).

A imprensa enxergou com bons olhos o projeto armorial, dando destaque aos seus eventos, destacando a sua importância para o Estado de Pernambuco. Entre os jornais que conseguiram sobreviver à censura estatal em Pernambuco, o *Diário de Pernambuco* foi o que mais publicou reportagens dos eventos ligados ao Movimento Armorial. No dia 24 de outubro de 1970 o DP publicou uma matéria na coluna "Teatro quase sempre", escrita pelo colunista Adeth Leite, que relatou não ter conseguido assistir ao evento "em virtude do excessivo número de espectadores naquele templo"[16].

A arte armorial busca no Sertão a inspiração para as suas produções e é definida por sua relação com a literatura popular do Nordeste, com o folheto de feira, erguida pelo artista armorial para unir três formas artísticas distintas – poesia, xilogravura e música (Santos, 2009,

[16] Orquestra Armorial de Câmara de Pernambuco**,** Diário de Pernambuco, 24 de outubro de 1970, p.11.

p. 13). O Movimento Armorial expandiu as possibilidades da representação da cultura nordestina. Muitos artistas incorporaram o estilo armorial em suas obras no teatro, na dança, pintura, cerâmica, escultura, tapeçaria, gravura, cinema e na música, sendo esta última a que obteve maior repercussão.

> A música armorial uniu elementos sertanejos, populares, ibéricos, indígenas, religiosos, bem como instrumentos medievais e árabes. Suassuna a imaginava forte e áspera, pois deveria misturar a sonoridade primitiva da música do sertão (esta já é uma mistura entre música tribal indígena - de origem asiática - e música ibérica-árabe) ao canto gregoriano, de forma a ligar a música sertaneja à música renascentista pré-clássica dos motetos medievais (Arruda, 2021, p. 11).

Em um curto espaço de tempo o Movimento Armorial criado por Ariano Suassuna e, principalmente, a Orquestra Armorial de Câmara (OAC) criada e liderada por Cussy de Almeida em 1969, conseguiu atrair olhares positivos e foi ganhando espaço na mídia local e nacional. Entre os artistas de maior destaque na promoção e incorporação do projeto armorial citamos Ariano Suassuna (escritor), Cussy de Almeida (regente, compositor e violinista), Gilvan Samico (desenhista e pintor), Francisco Brennand (ceramista e escultor), Maximiano Campos (poeta e cronista), Ângelo Monteiro (poeta e filósofo), Marcus Accioly (poeta), Miguel dos Santos (ceramista e pintor), Raimundo Carneiro e Antônio José Madureira (maestro, compositor e violinista).

Quantos as produções dos artistas armoriais na primeira metade da década de 1970 destacam-se o *Romance d'A pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta* (1971) e *A História do rei degolado nas caatingas do sertão: ao sol da onça castanha* (1976), escritos por Ariano Suassuna; *Nordestinados* (1971), de Marcus Accioly; As composições de Cussy de Almeida - *Abertura I e II, Nordestinados, Aboio, Kyrie, Cipó branco de Macaparana, Chamada nº1 - Cavalo Marinho, Coco praieiro, Gavião, Romance de cavalhada, Glória e Cirandância* (Santos, 2009, p. 315); *As emboscadas da sorte* (1971) de Maximiano Campos; *Armorial de um caçador de nuvens* (1971) de Ângelo Monteiro. [17]

A Orquestra Armorial de Câmara do Recife (OAC) lançou em 1974 o disco *Orquestra Armorial* e em 1975 o disco *Orquestra Armorial: Chamada*, ambos pela gravadora Continental. Já o Quinteto Armorial (QA) lançou os discos: *Do romance ao galope nordestino* (1974) e *Aralume* (1976).

[17] Destacamos apenas as obras armoriais de maior importância que foram veiculadas pelo Diário de Pernambuco no período de 1970 a 1976.

Seguindo a cronologia proposta por Santos (2009, p. 26), o Movimento Armorial pode ser dividido em três fases, sendo a primeira denominada como Fase Preparatória (1946 - 1969), seguida da Fase Experimental (1970 - 1975) e por último a Fase Romançal que tem início no ano de 1976 e segue até os dias atuais.

A Fase Preparatória apresenta como característica a ebulição da cultura na cidade do Recife que se tornou um palco de pesquisa e de criações artísticas lideradas por Ariano Suassuna e o Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP); por Hermilo Borba Filho no Teatro Popular do Nordeste (TPN) e por fim com Abelardo da Hora, Francisco Brennand e Gilvan Samico na Sociedade de Arte Moderna de Recife (SAMR) e no Atelier Coletivo.

A Fase Experimental corresponde ao período de divulgação do Movimento Armorial que tem início nos anos de 1970 e estende-se até 1975. O ano de 1974 e 1975 tem como marca o estopim das divergências entre Suassuna e Cussy de Almeida, levando a saída de Suassuna do DEC no final de 1974 e a sua nomeação como Secretário de Educação e Cultura do Município do Recife em 1975 (Santos, 2009, p. 29).

> As diferenças entre Cussy de Almeida e Ariano Suassuna evidenciam que o escritor, em oposição à vertente que priorizava o esmero da "técnica", aprofundou-se na concepção de cultura popular enquanto expressão de espontaneidade e autenticidade artesanal (Didier, 2000, p. 126).

Suassuna é contrário à utilização de instrumentos de origem estrangeira na OAC, o que é rebatido por Cussy de Almeida. Outro ponto de divergência foi a tentativa de Cussy de Almeida em registrar o nome "Armorial" no Instituto Nacional de Propriedade Industrial. O resultado da disputa foi divulgado no DP, na edição de nº 240 do dia 6 de setembro de 1975.

> O Instituto Nacional de Propriedade Industrial aceitou ontem a tese do escritor Ariano Suassuna, negando o pedido de registro da palavra "Armorial", encaminhado pelo maestro Cussy de Almeida. O autor de "A Pedra do Reino" recebeu a notícia através de telefonema do ministro Severo Gomes, da Indústria e Comércio.
> Ariano Suassuna, secretário de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife, requereu a impugnação do registro sob duas alegações: primeiro explicou que o nome "Armorial" é ligado a um movimento cultural e, portanto, não pode ser registrado como se fosse o nome de um produto comercial ou industrial qualquer. Em segundo lugar, sustentou que, se alguém tivesse esse direito, seria ele, por ter criado o Movimento Armorial.[18]

O período representa uma fase importante para o Movimento Armorial, um momento de evolução e criatividade, mas também, de surgimento das intrigas entre os expoentes do

[18] Termo "Armorial" não pertence a Cussy de Almeida. Diário de Pernambuco, 6 de setembro de 1975, p.6.

movimento: Suassuna e Cussy de Almeida. As divergências evoluem e adentram no ano de 1975, período em que Suassuna busca reafirmar a cultura popular. Este período será conhecido como Romançal (1975 - dias atuais). Esta fase vem acompanhada da criação da Orquestra Romançal Brasileira (ORB) que foi apresentada pela primeira vez ao público no Teatro Santa Isabel, no Recife, no dia 18 de dezembro de 1975 (Santos, 2009, p. 29). Outra criação de Suassuna foi o Balé Armorial, dirigido e coreografado pela bailarina clássica Flávia Barros, que não deu certo devido a impossibilidade, segundo Suassuna, de reunir a tradição popular e a técnica clássica (Didier, 2000, p. 132 - 134).

Seguindo esta cronologia, Santos (2009, p. 31) pontua que a fase experimental do Movimento Armorial acabou em 1981. Segundo Bezerra (2013, p. 188)

> Em 9 de agosto de 1981, Ariano Suassuna encerra por tempo indeterminado sua atividade como colunista do Diário de Pernambuco, com a publicação do artigo "Despedida". Nele, o autor lamenta, em tom amargurado, equívocos cometidos ao longo de sua atividade política e cultural sem, contudo, especificar quais teriam sido. Fala de seu amor pelo povo e pela cultura brasileira e de sua decepção com os políticos que, segundo ele, desprezam a cultura do povo e entregam o país ao capital estrangeiro. Confessa a necessidade de um período de reclusão e de afastamento da Literatura, durante o qual não desejaria sequer ler livros. Afirmava ainda ter perdido o interesse pela gestão cultural, pelas entrevistas e pelas colaborações à imprensa.

O Movimento Armorial pode até ter sucumbido junto com o seu idealizador em 1981, no entanto, as manifestações culturais que este movimento incorporou, a sua estética e os seus valores ainda se encontram presentes na atualidade.

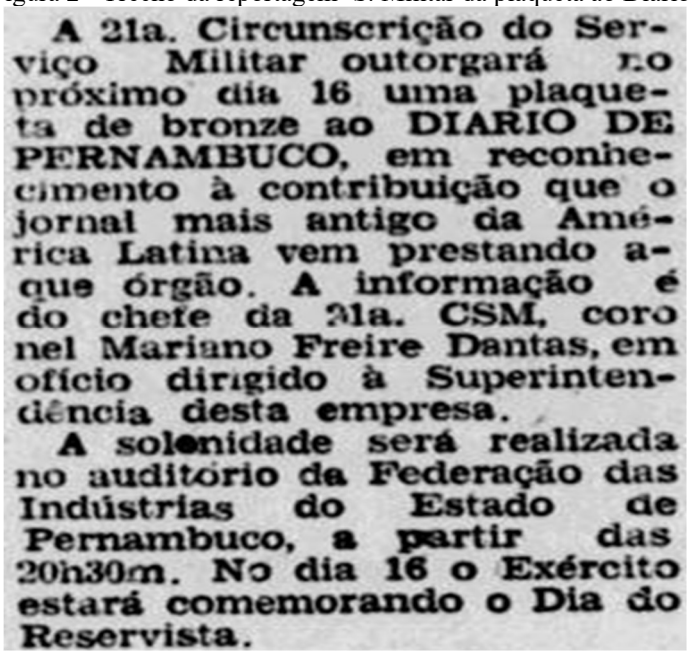
3.2. O Movimento Armorial nos olhos do Diário de Pernambuco (1970 - 1974)

A imprensa possui um poder que "não apenas interfere nas questões políticas, mas em diversos setores da vida social, na articulação e disseminação de ideias, valores, referências, memórias, ideologias, modos de pensar e agir em sua historicidade, o que a torna uma fonte inesgotável de pesquisa e estudo" (Leite, 2015. p. 5). Os jornais transmitem informações que estão entrecruzadas com a produção de um discurso que comunica valores e ideais propagando "projetos de agir sobre a sociedade, com a necessidade de interagir com fatores políticos e econômicos" (Barros, 2021, p. 401).

Os jornais são produzidos por membros de uma elite intelectual dentro de um espaço condicionado por regras específicas e determinados contextos. As publicações que analisamos foram produzidas durante a Ditadura Militar que, conforme pontua Ortiz (1985, p. 80 - 81), buscou direcionar a sociedade brasileira para um modelo de desenvolvimento capitalista.

Contribuindo com o discurso do regime autoritário, a grande imprensa serviu a ideologia dominante. Assim como em muitos jornais que lutaram para sobreviver ao período de exceção, o DP, um veículo de imprensa alinhado ao regime militar, produziu um discurso sobre a cultura brasileira pautado pela defesa do sentimento de unidade nacional, do amor à pátria. Em nossa pesquisa, identificamos, em algumas oportunidades, homenagens do jornal direcionadas aos militares e vice-versa, como evidenciamos abaixo.

Figura 2 - Trecho da reportagem 'S. Militar da plaqueta ao Diário'



A 21a. Circunscrição do Serviço Militar outorgará no próximo dia 16 uma plaqueta de bronze ao DIARIO DE PERNAMBUCO, em reconhecimento à contribuição que o jornal mais antigo da América Latina vem prestando aquele órgão. A informação é do chefe da 21a. CSM, coronel Mariano Freire Dantas, em ofício dirigido à Superintendência desta empresa.

A solenidade será realizada no auditório da Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco, a partir das 20h30m. No dia 16 o Exército estará comemorando o Dia do Reservista.

Fonte: Diário de Pernambuco, 10 de dezembro de 1974, nº 331, p.3.

Outro exemplo deste alinhamento pode ser visto na ocasião da imposição do Ato Institucional nº 5 (AI-5) no dia 13 de dezembro de 1968, estabelecendo a censura e ofuscando o discurso da imprensa. Neste momento, o papel destinado aos jornais foi o de informar e orientar a população por meio da tutela do Estado (Barbosa, 2010, p. 189). O DP no dia seguinte à promulgação do AI-5 publicou reportagens relatando as ações do governo federal e o apoio do governador de Pernambuco, Nilo Coelho, que em nota elogia o AI-5 e reafirma o compromisso do Estado com os ideais da "Revolução".[19] O jornal se limita apenas a noticiar o fato, sem questionar o estabelecimento da censura no país.

Inicialmente a censura aparenta estar perdida e sem orientação quanto aos procedimentos que seriam adotados pelos censores e devido à falta de clareza quanto às regras, a grande maioria dos jornais opta por aceitar as regras impostas pelo Estado, outros jornais

[19] DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1968, p. 1.

sofrem censura, alguns seguem o caminho da autocensura e por fim, existem aqueles que são perseguidos pelos militares e pela polícia política por publicar matérias contrárias aos ideais "revolucionários" (Barbosa, 2010, p. 191). A aceitação às regras impostas pelo regime de exceção citadas anteriormente não é, no entanto, suficiente para explicar o posicionamento de boa parte da imprensa tanto que a autora faz um adendo destacando que

> Parece demasiadamente simplista explicar essa falta de envolvimento contra o cerceamento da liberdade de imprensa e a ampla inclusão e aderência ao regime autoritário por uma espécie de medo prévio da censura. Preferimos acreditar que, tal como estamos mostrando, historicamente o jornalismo e os jornalistas se imiscuem às cercanias do poder, procurando as benesses daí advindas (Barbosa, 2010, p. 192).

Dois anos após a promulgação do AI-5, foi lançado, no Recife, o Movimento Armorial. Um dos grandes divulgadores do Movimento Armorial em Pernambuco foi o DP que deu ampla cobertura aos eventos ligados à temática armorial, noticiando o passo a passo dos artistas envolvidos e das figuras públicas e privadas. Do dia 3 de maio ao dia 18 de outubro de 1970, o DP publicou 17 notícias chamando o público para prestigiar o primeiro concerto da Orquestra Armorial de Câmara de Pernambuco (OAC). A divulgação é tímida em relação a quantidade de publicações, porém, os textos veiculados invocaram atores sociais (colunistas famosos, políticos, entre eles o presidente da República, ministros, cônsules, prefeitos e governadores) e instituições (do Estado e da iniciativa privada) de relevância para tentar convencer o público a comparecer ao evento. Do começo da divulgação até o último dia do ano, eventos ligados ao Movimento Armorial foram anunciados 56 vezes, ganhando gradativamente destaque. Dez dias depois da estreia do Movimento Armorial, o colunista Flávio Guerra destacou que

> Valeu a pena assistir o concerto na Igreja de São Pedro dos Clérigos. Ficou até bem a apresentação ali da música armorial nordestina [...] Pernambuco está outra vez na liderança dos movimentos culturais de escola no Brasil.
> Um dia outras orquestras armoriais irão surgir, no milagre da conscientização artística de um povo, dando vivescência ao modesto, extrapolando-o para os grandes salões, tirando-a da modesta indumentária do chapéu de couro, para as sedas e os trajes finos. Noite inesquecível mesmo aquela vivida na Igreja de São Pedro, neste Novo Recife.[20]

No decorrer do ano de 1971 a OAC participou de inúmeros eventos sociais, sejam eles públicos ou privados, ampliando, deste modo, o campo de atuação da orquestra. O DP realizou a cobertura de tais eventos expondo os acontecimentos nas colunas sociais; no primeiro, segundo e terceiro caderno; no caderno especial, além dos suplementos feminino, infantil e

[20] GUERRA, Flávio. **Um concerto da Orquestra Armorial de Câmera**. Diário de Pernambuco, 28 de outubro de 1970a, p.4.

social. De acordo com o colunista do DP, João Alberto, durante o ano de 1971, a OAC realizou cinquenta concertos, um número que chama atenção se levarmos em consideração o contexto político, social e econômico vigente no período[21].

O DP enfatiza em suas publicações a participação da OAC em eventos como: *Aniversário de comemoração da Revolução; A Visita do presidente Emílio Garrastazu Médici; A Semana da Pátria (Limoeiro) – apresentação no auditório da rádio difusora; A Semana da ASA, Os Concertos para juventude; Aniversário do DP; Dia do jornalista,* entre outros.

Figura 3 - Orquestra Armorial dá concerto na redação do diário

Orquestra Armorial dá concêrto na redação do DIÁRIO

A Orquestra Armorial de Câmara realizou, ontem à noite, por iniciativa de Cussy de Almeida, um concêrto, na redação do DIÁRIO DE PERNAMBUCO, em homenagem ao Dia do Jornalista, que se celebra hoje. A Orquestra, sob a regência do maestro Clóvis Pereira, executou três números musicais, entre os quais, "Sem Rei nem Lei", de Capiba.

Fonte: Diário de Pernambuco, 10 de setembro de 1971, nº 208, capa, p.1.

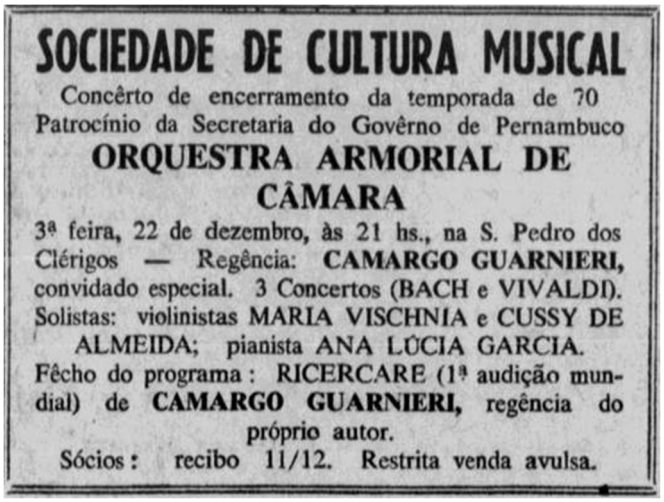
No ano de 1970, ano de estreia do Movimento Armorial, as publicações do DP são limitadas aos eventos que ocorrem principalmente no Teatro Santa Isabel e na Igreja de São Pedro dos Clérigos, na cidade do Recife. São publicações que chamam o público para prestigiar um novo evento musical.

Logo após a estreia, e com o sucesso alcançado pela OAC, as publicações passam a ter uma maior intensidade. O DP utiliza uma linguagem apelativa, informando aos leitores os locais que a OAC estará apresentando um concerto, o nome dos seus integrantes e reforça no público leitor a necessidade de não perder tais eventos. Os termos comumente utilizados pelo DP nessas publicações são: *'os ingressos já estão esgotados'*; em algumas publicações o jornal informa que em um dado mês só ocorrerá uma *'única apresentação'*; *'você não vai querer perder'* o evento cultural que proporcionará uma *'linda noite armorial'*. São termos que tentam atrair para o universo armorial o público em geral, mas também chamar a atenção dos membros da alta sociedade, políticos e outros artistas.

[21] ALBERTO, João. **Coluna João Alberto.** Diário de Pernambuco, 25 de dezembro de 1971a, p. 5.

Como podemos ver na figura abaixo, o concerto da Orquestra Armorial é divulgado pela Sociedade de Cultura Musical[22], uma instituição voltada para propagação de uma música elitizada que contrata apenas músicos de alto nível.

Figura 4 - Divulgação de concerto da Orquestra Armorial de Câmara do Recife



SOCIEDADE DE CULTURA MUSICAL

Concêrto de encerramento da temporada de 70
Patrocínio da Secretaria do Govêrno de Pernambuco

ORQUESTRA ARMORIAL DE CÂMARA

3ª feira, 22 de dezembro, às 21 hs., na S. Pedro dos Clérigos — Regência: **CAMARGO GUARNIERI,** convidado especial. 3 Concertos (BACH e VIVALDI). Solistas: violinistas MARIA VISCHNIA e CUSSY DE ALMEIDA; pianista ANA LÚCIA GARCIA. Fêcho do programa: RICERCARE (1ª audição mundial) de **CAMARGO GUARNIERI,** regência do próprio autor.

Sócios: recibo 11/12. Restrita venda avulsa.

Fonte: Diário de Pernambuco, 14 de novembro de 1970, nº 268, 2º caderno, p.10.

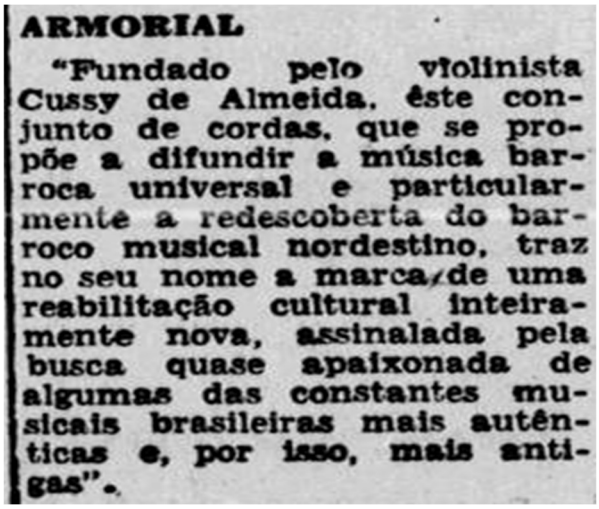
A publicação chama os membros de uma elite consumidora de bens culturais para prestigiar o evento, este tipo de publicação se repetirá durante os anos de 1970 - 1974, período de análise desta pesquisa e será propagada nas postagens do *Nosso Teatro*, um programa de incentivo à cultura no Recife criado em 1971 pelo governo estadual e divulgado pelo DP. As publicações convidam as elites para apreciarem a proposta armorial, possibilitando um alcance maior da OAC no cenário cultural local. O DP divulga com mais intensidade os eventos que a OAC participa, se compararmos com as publicações que divulgam as apresentações do Quinteto Armorial (QA). Após conquistar um espaço na cena cultural do Recife, a OAC passa a ser convidada para eventos fora da cidade do Recife, do Estado e do país. O estímulo à cultura erudita com raízes populares chega aos entes privados e às prefeituras do Sertão, do Agreste e da Zona da Mata. Diversas prefeituras do interior e entidades privadas passam a adotar a nova atração musical em seus eventos festivos.

A estética armorial chega também aos espaços diplomáticos, a OAC realiza concertos nas embaixadas de Portugal, Holanda e dos Estados Unidos da América, em solo brasileiro. Além disso, participa de lançamento de livros, propagandas de escolas, clubes e anualmente do

[22] Para entender o papel da Sociedade de Cultura Musical na cena cultural pernambucana é necessário verificar a pesquisa de Douglas José Gonçalves Costa que estuda a formação de um campo musical, o modernismo e a representação sobre a identidade nacional em sua dissertação de mestrado intitulada como *Músicos-intelectuais: música e sociedade no Recife (1918-1937)*, apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco (2020).

aniversário de fundação do DP. "Reabilitar a cultura" e "estimular os valores culturais" são alguns dos termos utilizados pelo DP para representar o Movimento Armorial como uma manifestação genuinamente brasileira.

Figura 5 - Trecho da reportagem: Exibi-se Orquestra Armorial



ARMORIAL

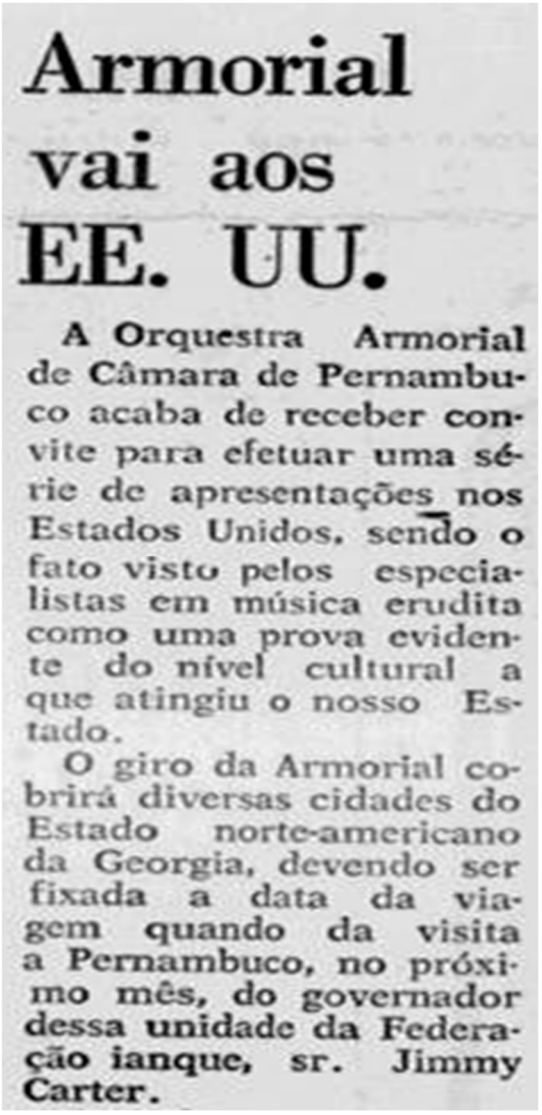
"Fundado pelo violinista Cussy de Almeida, êste conjunto de cordas, que se propõe a difundir a música barroca universal e particularmente a redescoberta do barroco musical nordestino, traz no seu nome a marca de uma reabilitação cultural inteiramente nova, assinalada pela busca quase apaixonada de algumas das constantes musicais brasileiras mais autênticas e, por isso, mais antigas".

Fonte: Diário de Pernambuco, 30 de abril de 1971, nº 98, p.9.

A OAC ganha notoriedade na imprensa nacional e nos anos seguintes (1971, 1972 e 1973) realiza turnês pela região Sul do país, passando por São Paulo, Minas Gerais, Paraíba, Alagoas, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Neste mesmo período o Estado de Pernambuco por intermédio do governador Eraldo Gueiros estabelecia uma aliança com o estado americano da Geórgia. Esta aliança elevaria esses estados a condição de irmãos, e está dentro do programa americano *Partners of America* (companheiros da América). A parceria Pernambuco / Geórgia possibilitou a troca de conhecimentos acadêmicos, intercâmbio entre os estudantes de ambos os estados, apresentação de times de futebol, basquete, construção de fábricas, shoppings e a troca cultural entre esses dois Estados.

O governador da Geórgia, Jimmy Carter, e o governador de Pernambuco, Eraldo Gueiros, firmaram acordos em diversas áreas, contemplando também a cultura. O apoio chegou a OAC e ao QA, que naquele momento eram os representantes do Movimento Armorial de maior sucesso no Estado.

Figura 6 - Armorial vai aos EE. UU.



Armorial vai aos EE. UU.

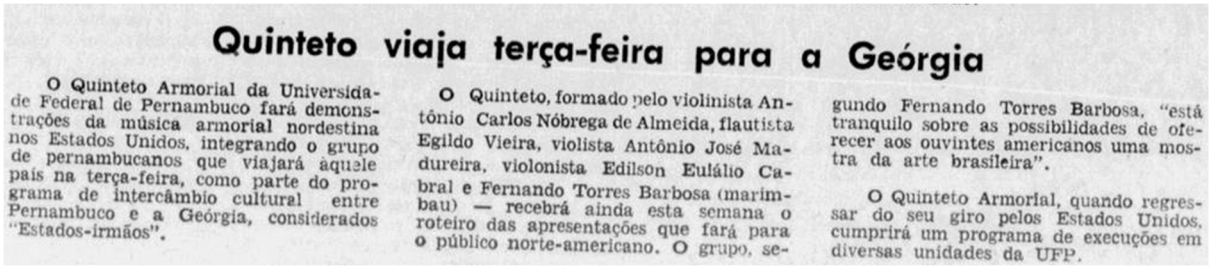
A Orquestra Armorial de Câmara de Pernambuco acaba de receber convite para efetuar uma série de apresentações nos Estados Unidos, sendo o fato visto pelos especialistas em música erudita como uma prova evidente do nível cultural a que atingiu o nosso Estado.

O giro da Armorial cobrirá diversas cidades do Estado norte-americano da Georgia, devendo ser fixada a data da viagem quando da visita a Pernambuco, no próximo mês, do governador dessa unidade da Federação ianque, sr. Jimmy Carter.

Fonte: Diário de Pernambuco, 19 de março de 1972, nº 65, p.1.

Em relação a este apoio, no ano de 1973 o DP publicou uma matéria relatando uma apresentação do QA no Estado da Geórgia, destacando que a viagem faz parte do intercâmbio cultural com o Estado de Pernambuco e que na oportunidade a arte brasileira será divulgada.

Figura 7 - Quinteto Viaja terça-feira para a Geórgia



Quinteto viaja terça-feira para a Geórgia

O Quinteto Armorial da Universidade Federal de Pernambuco fará demonstrações da música armorial nordestina nos Estados Unidos, integrando o grupo de pernambucanos que viajará àquele país na terça-feira, como parte do programa de intercâmbio cultural entre Pernambuco e a Geórgia, considerados "Estados-irmãos".

O Quinteto, formado pelo violinista Antônio Carlos Nóbrega de Almeida, flautista Egildo Vieira, violista Antônio José Madureira, violonista Edilson Eulálio Cabral e Fernando Torres Barbosa (marimbau) — recebrá ainda esta semana o roteiro das apresentações que fará para o público norte-americano. O grupo, segundo Fernando Torres Barbosa, "está tranquilo sobre as possibilidades de oferecer aos ouvintes americanos uma mostra da arte brasileira".

O Quinteto Armorial, quando regressar do seu giro pelos Estados Unidos, cumprirá um programa de execuções em diversas unidades da UFP.

Fonte: Diário de Pernambuco, 26 de outubro de 1973, nº 289, p.6.

O Movimento Armorial, conforme destaca Didier (2000) e Santos (2009), recebeu apoio estatal e adentrou em espaços vedados a outras manifestações culturais, permitindo que seus líderes participassem ativamente da vida cultural no país durante o regime autoritário. No entanto, na dissertação de Mestrado de Lucas Pereira Arruda, intitulada *'A atuação político-cultural de Ariano Suassuna: o Movimento Armorial e o nacional-popular no contexto da Ditadura Militar'*, o autor revela que em relação ao apoio financeiro, mesmo que Suassuna fosse um membro do Conselho Federal de Cultura (CFC), a intensidade deste apoio não ficou comprovada através dos documentos financeiros disponíveis que o autor analisou e que versam sobre valores repassados para o campo da cultura (Arruda, 2021, p.51).

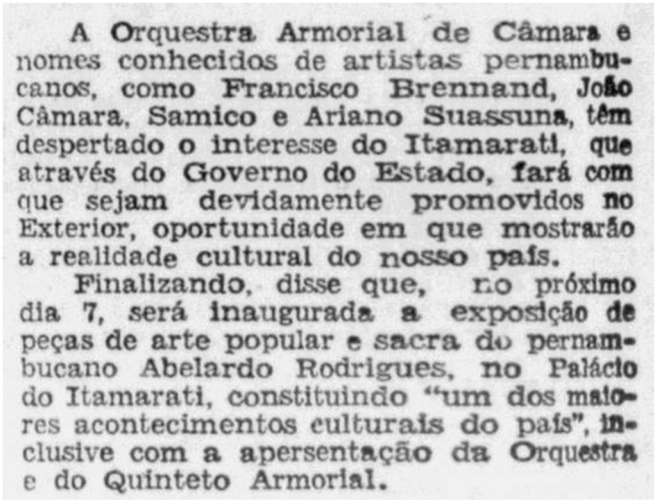
O autor destaca que Suassuna costuma liberar dinheiro para eventos culturais no Nordeste. Entre os exemplos citados pelo autor, temos a liberação no ano de 1970 de Cr$60.000,00 [23] e de Cr$100.000,00 para construção de um teatro no Rio Grande do Norte[24]. Arruda (2021) relata no decorrer de sua análise outras liberações de verbas para os movimentos culturais, principalmente no Nordeste, no entanto, quando os movimentos culturais das regiões Sul e Sudeste solicitam verbas, Suassuna nega ou aprova valores menores.

> Com relação ao financiamento para a UFPE e ao Movimento Armorial, diferentemente do que pensávamos anteriormente, ambos não foram tão beneficiados com a ida de Suassuna para o Conselho, pois receberam apenas um financiamento cada um, durante o período pesquisado, totalizando Cr$147.000,00. Também foi possível perceber uma constante falta de verbas para o Conselho. Projetamos como hipótese que os militares já não estavam mais tão interessados em financiar os projetos culturais valorizados pelos intelectuais, provavelmente por conta da entrada massiva dos meios de comunicação de massa no país, os quais teriam um poder de disseminação muito maior do que as manifestações culturais por eles financiadas [...] (Arruda, 2021, p. 54).

Mesmo que a atuação de Suassuna no CFC não tenha possibilitado maiores investimentos financeiros para o Movimento Armorial, em especial para a OAC, as publicações do DP dão a entender que a arte armorial está sendo tratada com apreço pelo governo do estado. Este tratamento diferenciado pode ser visto na edição 151, do dia 29 de junho de 1972, em que o DP relata que a OAC vem despertando o interesse do Itamaraty e que este órgão promoverá a orquestra no exterior com o objetivo de mostrar a realidade da cultura brasileira.

[23] BOLETIM DO CONSELHO FEDERAL DE CULTURA, 1970, p. 25.
[24] BOLETIM DO CONSELHO FEDERAL DE CULTURA, 1970, p. 75.

Figura 8 – Trecho da reportagem: Interesse



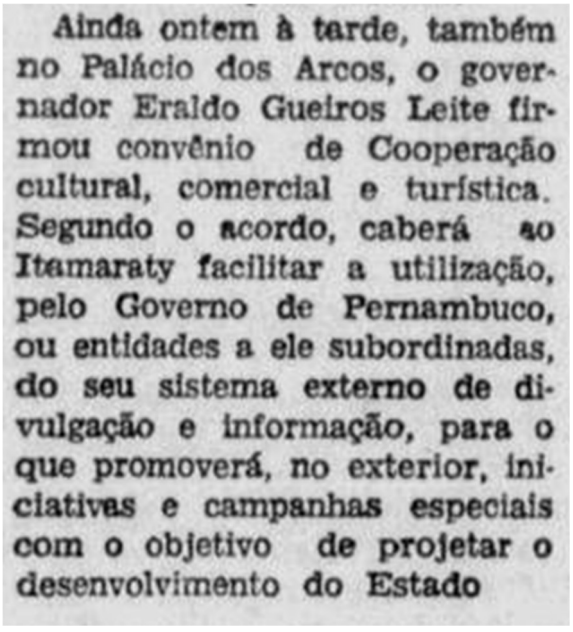
A Orquestra Armorial de Câmara e nomes conhecidos de artistas pernambucanos, como Francisco Brennand, João Câmara, Samico e Ariano Suassuna, têm despertado o interesse do Itamarati, que através do Governo do Estado, fará com que sejam devidamente promovidos no Exterior, oportunidade em que mostrarão a realidade cultural do nosso país.

Finalizando, disse que, no próximo dia 7, será inaugurada a exposição de peças de arte popular e sacra do pernambucano Abelardo Rodrigues, no Palácio do Itamarati, constituindo "um dos maiores acontecimentos culturais do país", inclusive com a apersentação da Orquestra e do Quinteto Armorial.

Fonte: Diário de Pernambuco, 29 de junho de 1972, nº 151, p.13.

Neste contexto, o jornal informa que o governador Eraldo Gueiros firmou convênio de cooperação cultural, comercial e turística com o Itamaraty para utilizar o seu sistema externo de divulgação e informação para projetar o desenvolvimento do Estado de Pernambuco.

Figura 9 - Trecho da reportagem "Eraldo lança em Brasília o projeto de casa-embrião"

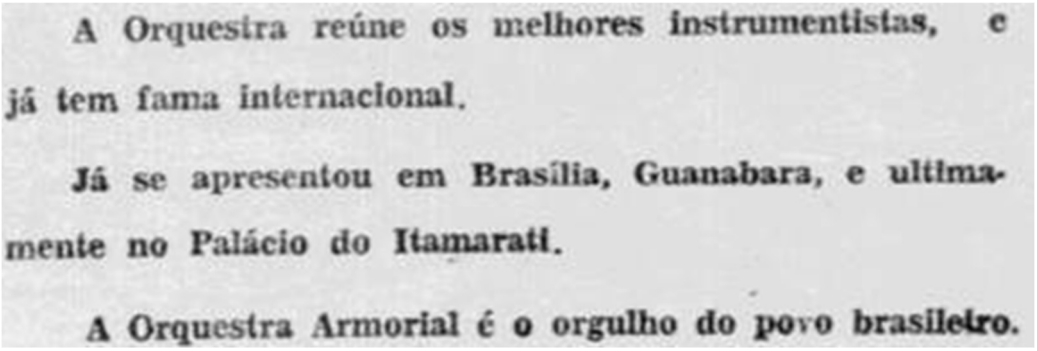


Ainda ontem à tarde, também no Palácio dos Arcos, o governador Eraldo Gueiros Leite firmou convênio de Cooperação cultural, comercial e turística. Segundo o acordo, caberá ao Itamaraty facilitar a utilização, pelo Governo de Pernambuco, ou entidades a ele subordinadas, do seu sistema externo de divulgação e informação, para o que promoverá, no exterior, iniciativas e campanhas especiais com o objetivo de projetar o desenvolvimento do Estado

Fonte: Diário de Pernambuco, 9 de julho de 1972, nº 161, p.8.

As publicações informam o leitor acerca do apoio prestado pelo Estado ao Movimento Armorial, destacando a qualidade da OAC. A Orquestra Armorial é, segundo publicou Maria Carla Viana Gadelha no Suplemento Infantil do DP: "o orgulho do povo brasileiro".

Figura 10 - Trecho da reportagem “Mundo das artes”



A Orquestra reúne os melhores instrumentistas, e já tem fama internacional.

Já se apresentou em Brasília, Guanabara, e ultimamente no Palácio do Itamarati.

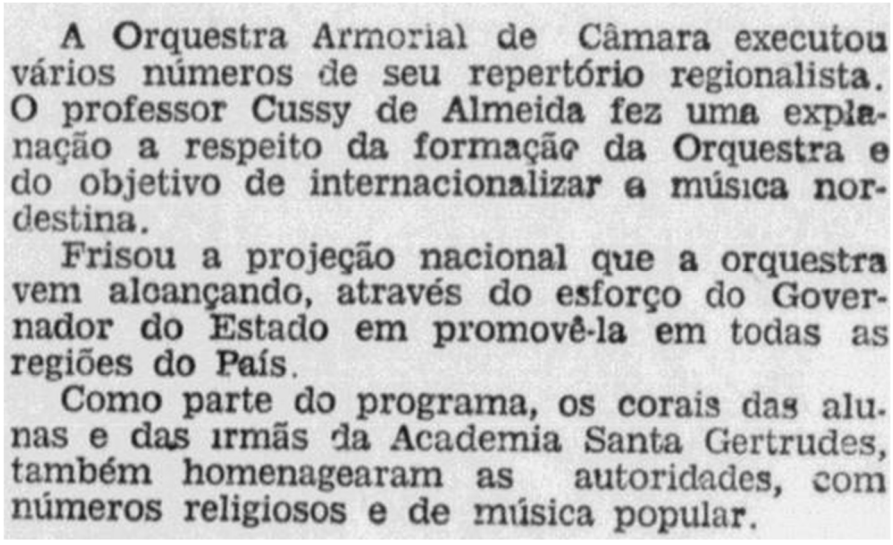
A Orquestra Armorial é o orgulho do povo brasileiro.

Fonte: Diário de Pernambuco, 19 de agosto de 1972, nº 197, p.11.

Desta forma, constatamos nessas publicações que o discurso produzido constrói a imagem de que o governo do estado vem colaborando com a divulgação do que representam como cultura brasileira e que a faixa etária a que se destina não está limitada apenas aos adultos, mas também às crianças e aos adolescentes.

Cussy de Almeida durante a solenidade de entrega da Medalha do Mérito Cultural à Academia Santa Gertrudes, localizada em Olinda, reconhece o apoio dado pelo Estado e a projeção que a OAC tomou devido ao esforço de Eraldo Gueiros.

Figura 11 - Trecho da reportagem “Governador concede Medalha à Academia Santa Gertrudes”



A Orquestra Armorial de Câmara executou vários números de seu repertório regionalista. O professor Cussy de Almeida fez uma explanação a respeito da formação da Orquestra e do objetivo de internacionalizar a música nordestina.

Frisou a projeção nacional que a orquestra vem alcançando, através do esforço do Governador do Estado em promovê-la em todas as regiões do País.

Como parte do programa, os corais das alunas e das irmãs da Academia Santa Gertrudes, também homenagearam as autoridades, com números religiosos e de música popular.

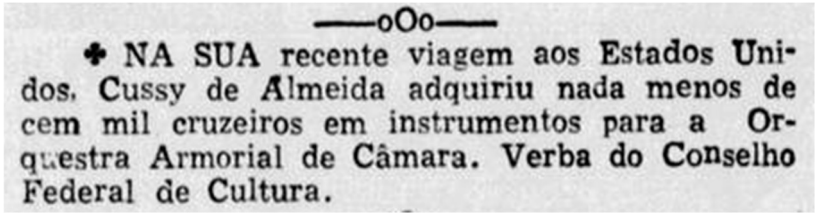
Fonte: Diário de Pernambuco, 25 de outubro de 1972, nº 258, p.6.

Nesta publicação percebemos a representação da OAC como uma manifestação artística nordestina relevante para a cultura brasileira. As publicações em relação ao Movimento Armorial, diga-se ‘OAC’, são veiculadas na capa ou no primeiro caderno reforçando sempre que possível a nível local o apoio prestado por Eraldo Gueiros e pelo secretário de Educação e Cultura, Roberto Magalhães Melo. No nível nacional, o discurso

criado pelo DP reforça o apoio prestado e a admiração que figuras políticas e militares têm em relação a OAC. Encontramos, nessas matérias, elogios proferidos pelo ditador Emílio Garrastazu Médici, pelo ministro de Educação e Cultura Jarbas Passarinho, pelo ministro Mário Gibson, das relações exteriores, por João Paulo dos Reis Veloso, ministro do planejamento, pelo comandante do IV Exército, general Bina Machado, entre outros.

Durante um jantar no Palácio do Campo das Princesas, ocasião em que o embaixador da Holanda *Van Ufford* foi recepcionado pelas autoridades do Estado, Cussy de Almeida revelou em entrevista que "recebeu ajuda do Conselho Federal da Educação para a Orquestra armorial que, segundo ele, faz o milagre de ser a orquestra que paga os melhores salários do Brasil: 3 mil cruzeiros".[25] Existe, portanto, a necessidade em destacar o apoio dado a OAC e os inúmeros eventos que ela participa, mostrando que a sociedade vem consumindo a arte produzida por esta manifestação artística[26].

Figura 12 - Compra de instrumentos para Orquestra Armorial de Câmara do Recife



—oOo—

✤ NA SUA recente viagem aos Estados Unidos, Cussy de Almeida adquiriu nada menos de cem mil cruzeiros em instrumentos para a Orquestra Armorial de Câmara. Verba do Conselho Federal de Cultura.

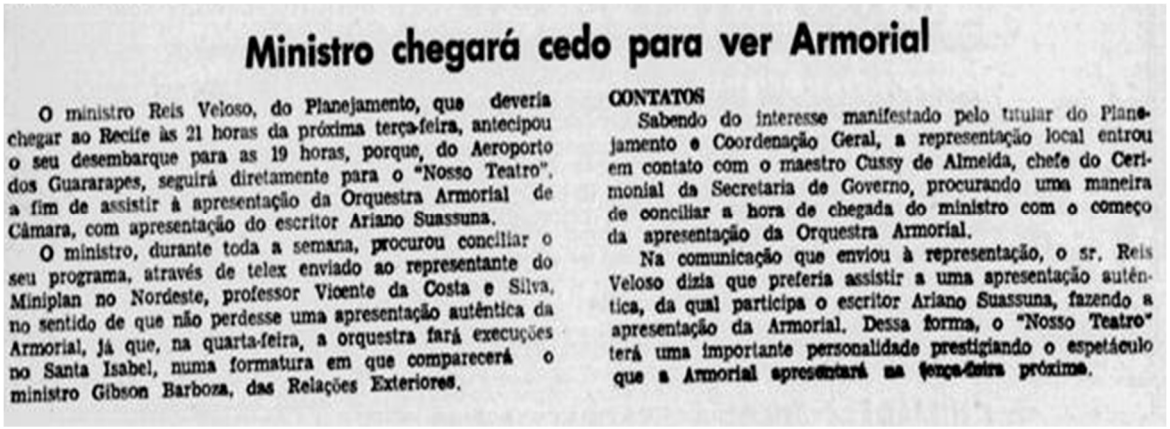
Fonte: Diário de Pernambuco, 14 de novembro de 1971, nº 264, p.5.

Encontramos também discursos que enfatizam a admiração dos gestores públicos pela arte armorial, principalmente a música. Podemos ver na imagem abaixo que as notícias em relação a esses sujeitos buscam reforçar através do discurso a representação do que eles pensam em relação ao Movimento Armorial.

[25] ALBERTO, João. Jantar no Campo das Princesas**.** Diário de Pernambuco, 27 de agosto de 1971b, p.3.

[26] Se em 1930 o público consumidor de cultura era restrito às classes sociais mais abastadas, na década de 1960 [...] "Elas são cada vez mais diferenciadas e atingem um grande público consumidor; isto confere ao mercado cultural uma dimensão nacional que ele não possuía anteriormente" (Ortiz, 1985. p. 82).

Figura 13 - Ministro chegará cedo para ver Armorial



Ministro chegará cedo para ver Armorial

O ministro Reis Veloso, do Planejamento, que deveria chegar ao Recife às 21 horas da próxima terça-feira, antecipou o seu desembarque para as 19 horas, porque, do Aeroporto dos Guararapes, seguirá diretamente para o "Nosso Teatro", a fim de assistir à apresentação da Orquestra Armorial de Câmara, com apresentação do escritor Ariano Suassuna.

O ministro, durante toda a semana, procurou conciliar o seu programa, através de telex enviado ao representante do Miniplan no Nordeste, professor Vicente da Costa e Silva, no sentido de que não perdesse uma apresentação autêntica da Armorial, já que, na quarta-feira, a orquestra fará execuções no Santa Isabel, numa formatura em que comparecerá o ministro Gibson Barboza, das Relações Exteriores.

CONTATOS

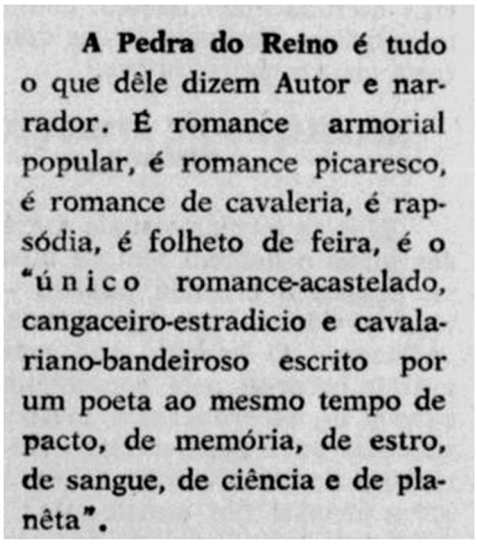
Sabendo do interesse manifestado pelo titular do Planejamento e Coordenação Geral, a representação local entrou em contato com o maestro Cussy de Almeida, chefe do Cerimonial da Secretaria de Governo, procurando uma maneira de conciliar a hora de chegada do ministro com o começo da apresentação da Orquestra Armorial.

Na comunicação que enviou à representação, o sr. Reis Veloso dizia que preferia assistir a uma apresentação autêntica, da qual participa o escritor Ariano Suassuna, fazendo a apresentação da Armorial. Dessa forma, o "Nosso Teatro" terá uma importante personalidade prestigiando o espetáculo que a Armorial apresentará na terça-feira próxima.

Fonte: Diário de Pernambuco, 17 de dezembro de 1972, nº 309, 1º caderno, p.27.

Além dessas reportagens, constatamos publicações que têm como objetivo explicar os termos utilizados pelo Movimento Armorial, apresentar resenhas de livros e propor discussões acerca da cultura no país, buscando familiarizar o público com os termos armoriais. Esse tipo de reportagem é publicado principalmente na seção de música e literatura, mas também nos segundo e terceiro caderno. Um exemplo deste tipo de publicação pode ser visto quando Suassuna lança em 1971 o *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. Aproveitando o destaque dado ao Movimento Armorial, o escritor Carlos Castello Branco publica um pequeno resumo da obra de Suassuna.[27]

Figura 14 - Trecho da reportagem: Ariano Suassuna, o Armorial popular "A Pedra do Reino"



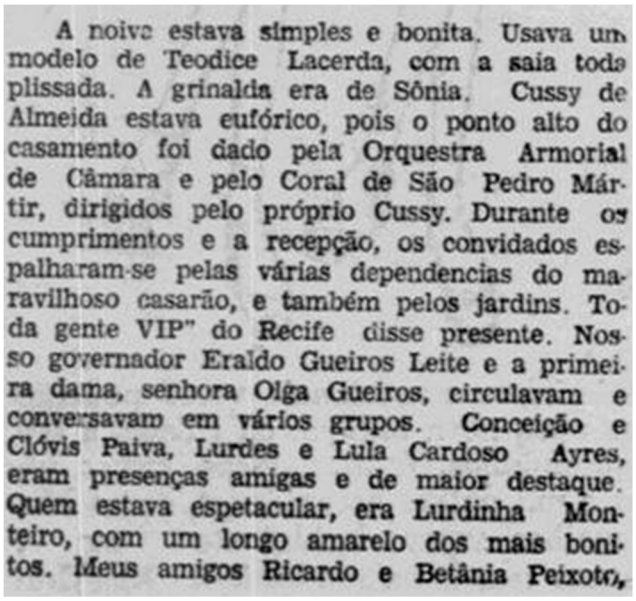
A Pedra do Reino é tudo o que dêle dizem Autor e narrador. É romance armorial popular, é romance picaresco, é romance de cavaleria, é rapsódia, é folheto de feira, é o "único romance-acastelado, cangaceiro-estradicio e cavalariano-bandeiroso escrito por um poeta ao mesmo tempo de pacto, de memória, de estro, de sangue, de ciência e de planêta".

Fonte: Diário de Pernambuco, 14 de outubro de 1971, nº 237, p.4.

[27] BRANCO, Carlos Castello. **Ariano Suassuna, o Armorial popular "A Pedra do Reino"**. Diário de Pernambuco, 14 de outubro de 1971, 3º Caderno, p. 4.

Além dos espaços públicos, encontramos também registros da participação da OAC em eventos particulares. Do ano de 1971 até 1973 foram realizados oito casamentos de filhos de pessoas importantes da sociedade pernambucana com a participação da OAC. O universo armorial adentra nos momentos íntimos das famílias mais abastadas da sociedade pernambucana e tais eventos são veiculados nas colunas sociais. O enlace matrimonial é representado através de uma construção narrativa em que se elogia bastante o evento social que contou com a participação da OAC e de figuras de autoridade, como por exemplo, Eraldo Gueiros, Cussy de Almeida, além de autoridades militares.

Figura 15 - Trecho da reportagem 'Casamento vipérrimo'



A noiva estava simples e bonita. Usava um modelo de Teodice Lacerda, com a saia toda plissada. A grinalda era de Sônia. Cussy de Almeida estava eufórico, pois o ponto alto do casamento foi dado pela Orquestra Armorial de Câmara e pelo Coral de São Pedro Mártir, dirigidos pelo próprio Cussy. Durante os cumprimentos e a recepção, os convidados espalharam-se pelas várias dependencias do maravilhoso casarão, e também pelos jardins. Toda gente VIP" do Recife disse presente. Nosso governador Eraldo Gueiros Leite e a primeira dama, senhora Olga Gueiros, circulavam e conversavam em vários grupos. Conceição e Clóvis Paiva, Lurdes e Lula Cardoso Ayres, eram presenças amigas e de maior destaque. Quem estava espetacular, era Lurdinha Monteiro, com um longo amarelo dos mais bonitos. Meus amigos Ricardo e Betânia Peixoto,

Fonte: Diário de Pernambuco, 5 de março de 1972, nº 53, p.4.

Participam da cobertura desses eventos, *in loco,* representando o DP, os jornalistas Adeth do Nascimento Leite[28] (Coluna Adeth Leite) e João Alberto Martins Sobral[29] (coluna João Alberto), colunistas do caderno social[30] do DP.

Adeth Leite e João Alberto publicam frequentemente notícias em relação ao Movimento Armorial, nada escapa aos olhares atentos desses jornalistas. João Alberto no dia 18 de abril de 1971 publicou uma matéria relatando que o presidente Emílio Garrastazu Médici

[28] Foi colunista social do Diário de Pernambuco, realizando a cobertura dos eventos de maior prestígio da sociedade pernambucana da época.

[29] Nascido em Aracaju, João Alberto Martins Sobral foi colunista social do Diário de Pernambuco e autor do livro *Sociedade Pernambucana*.

[30] Não aprofundamos a coleta de dados em relação a esses colunistas tendo em vista a falta de pesquisas que pudessem subsidiar tal análise.

visitou o Estado de Pernambuco para inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, colocando no discurso a participação exclusiva da OAC.

> O estado de Pernambuco recebe, hoje, nova visita do presidente Emílio Garrastazu Médici, que vem correspondendo à expectativa de todos os brasileiros, realizando uma extraordinária administração, em todos os sentidos.
> [...] demonstrando ser amigo de Pernambuco, em várias ocasiões, o presidente Médici ganhará com maior justiça a Medalha Pernambucana do Mérito na Classe ouro.
> [...] **A única apresentação** artística a ser feita em homenagem ao presidente Médici em sua visita ao Recife, estará a cargo da Orquestra Armorial, que tocará após o jantar que o mais alto magistrado da nação oferecerá no Grande Hotel.[31]

Em relação ao mesmo fato o colunista Adeth Leite reforçou a notícia pontuando que

> O programa foi elaborado com gosto nordestino e será apresentado pelo escritor Ariano Suassuna. Os músicos da Orquestra Armorial trajarão casacos para a noite de gala. Sendo a orquestra, legítima representante da linha clássica para as mais recatadas reuniões, foi escolhida para a única apresentação de arte ao presidente da República.[32]

No dia 23 do mesmo mês o DP relatou que após o concerto da OAC e a apresentação de Ariano Suassuna, o presidente e os ministros manifestaram interesse em divulgar a música armorial na Europa e na América Latina.

> A apresentação do concerto à comitiva presidencial foi feita pelo escritor Ariano Suassuna, sendo cumprimentado pelo presidente Médici, igualmente os componentes da Orquestra. Ariano é o principal cabeça desse movimento denominado armorial, que se vem fazendo no Nordeste. O programa mereceu aplausos das autoridades, tendo o presidente Médici considerado a audição como um autêntico *movimento brasileiro de relevante importância cultural.* [33]

A visita do presidente da República é um evento de prestígio para o Estado e para as elites que participam diretamente da recepção. Colocar a OAC como a única manifestação artística que se apresentará para o presidente revela a importância que a orquestra e o Movimento Armorial possuem. Esse evento levanta um questionamento que não conseguiremos responder neste momento, mas que é digno de nota. Por que apenas a OAC? Por que não outras orquestras, artistas ou até outros tipos de manifestações artísticas?

Enfatizamos um último tipo de publicação que está relacionada aos sujeitos que estão dentro da construção discursiva ligada ao Movimento Armorial, mas que não são necessariamente os expoentes. Esse tipo de publicação, geralmente publicadas no segundo e

---

[31] ALBERTO, João. **Comenda para o presidente.** Diário de Pernambuco, 18 de abril de 1971c, p. 21.
[32] LEITE, Adeth. **Orquestra Armorial**. Diário de Pernambuco, 18 de abril de 1971a, p. 21.
[33] DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1971a, p. 9, grifo nosso.

terceiro caderno, tenta estabelecer uma espécie de simbiose entre o artista e o Movimento Armorial.

Figura 16 – Trecho da reportagem: Sucesso de Aluísio começou com o Movimento Armorial

Sucesso de Aluísio começou com o Movimento Armorial

Aluísio Braga nasceu há 42 anos no Recife, e pinta desde os 22. No entanto, começou a vender seus quadros com o Movimento Armorial em Pernambuco. Motivo: seus quadros são inspirados na literatura de cordel e romances de Ariano Suassuna. Mais de sessenta pessoas já adquiriram obras suas, inclusive o governador da Geórgia e diplomatas do Itamarati.

Jairo Coelho, 1.o secretário do Itamarati, adquiriu ontem um dos seus quadros, onde o seu estilo neo-primitivo acentua-se.

DEFINIÇÃO

Ariano Suassuna assim define a obra de Aluísio Braga: "Seus quadros minúsculos são exuberantes, de composição arbitrária, com espécie de força recriada nas linhas curvas violentas do barroco-popular. Estão presentes cores esmaltadas, que fazem os quadros brilharem como estandartes ou como páginas "armoriais" incrustadas de jóias e pedrarias.

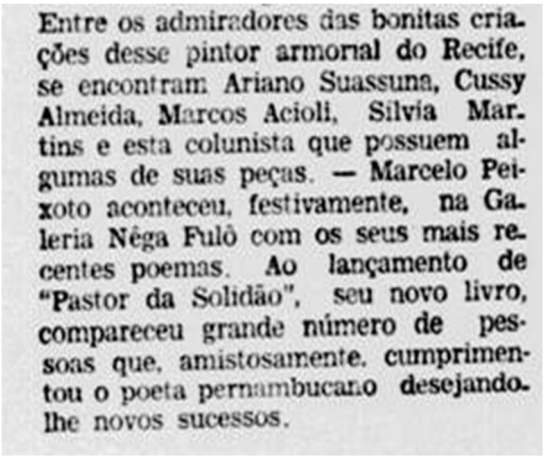
Como todo artista brasileiro, mantém esse mesmo heroísmo em sua vida, pois é no meio da pobreza e pequenas jóias esmaltadas que são quadros, abrindo com eles — como os artistas anônimos fazem com os metais, os vidrilhos, os mantos e os estandartes — portas ao seu povo, para o sonho e a grandeza".

Fonte: Diário de Pernambuco, 31 de junho de 1973, nº 203, 1º Caderno, p.7.

Ao analisar tais publicações notamos que a qualidade artística do sujeito não está presente apenas no conjunto das suas obras, mas sim no adjetivo e nas pessoas que os qualificam. Neste caso, os expoentes do Movimento Armorial e o termo armorial são os responsáveis por dar legitimidade à qualidade da obra. Temos como exemplo um trecho de uma notícia publicada no DP em relação ao pintor Aluízio Braga[34], em que a colunista Helena Pessoa de Queiroz Gomes enfatiza não apenas a obra deste pintor, mas também os sujeitos que ocupam um lugar de destaque no Movimento Armorial como seus admiradores. Para reforçar tal ideia, destacamos que na continuidade da publicação a colunista pontua o lançamento de um poema do poeta Marcelo Peixoto, no entanto, a ênfase quanto aos sujeitos que o apoiam é suprimida, talvez pelo fato deste poeta não ser considerado armorial.

[34] Muitas das publicações do ano de 1973 em relação a Aluízio Braga apresentam na construção do discurso a tentativa do DP em estabelecer uma ligação simbiótica com o Movimento Armorial. Por vezes o discurso coloca os grandes expoentes do movimento como admiradores do pintor, em outras publicações, o jornal destaca que o sucesso que Aluízio alcançou se deve unicamente a incorporação da estética armorial em suas obras.

Figura 17 - Trecho da reportagem: Daqui e dali



Entre os admiradores das bonitas criações desse pintor armorial do Recife, se encontram Ariano Suassuna, Cussy Almeida, Marcos Acioli, Silvia Martins e esta colunista que possuem algumas de suas peças. — Marcelo Peixoto aconteceu, festivamente, na Galeria Nêga Fulô com os seus mais recentes poemas. Ao lançamento de "Pastor da Solidão", seu novo livro, compareceu grande número de pessoas que, amistosamente, cumprimentou o poeta pernambucano desejando-lhe novos sucessos.

Fonte: Diário de Pernambuco, 3 de março de 1974, nº 33, p.10.

Como vimos, a OAC recebeu financiamento federal e estadual, conseguindo manter a plenitude de suas atividades ao longo da década de 1970.[35] Porém, não foi apenas o apoio estatal que permitiu ao Movimento Armorial permanecer ativo na conjuntura do país na década de 1970. Temos que dar crédito e destacar o papel dos sujeitos que participaram com mais avidez na direção, divulgação e promoção do Movimento Armorial: Ariano Suassuna e Cussy de Almeida.

O contexto da época foi favorável para Suassuna e Cussy de Almeida que ocuparam espaços que permitiram a produção de discursos que possibilitaram legitimar suas posições culturais. Em outras palavras, o destaque dado a esses sujeitos não se refere necessariamente a Ariano Suassuna e Cussy de Almeida enquanto pessoas, mas sim às posições sociais e os lugares de poder que eles ocuparam, podendo exercer a força simbólica do lugar em que falam.

Ariano Suassuna fala de um lugar privilegiado, o escritor foi um dos 24 membros fundadores do CFC e exercia a função de conselheiro ao lado de outros intelectuais que participavam "de outros lugares de sociabilidade e podem ser identificados como integrantes do mesmo grupo: o da elite cultural brasileira" (Maia, 2012, p. 41).

De acordo com Maia (2012, p. 40, grifo nosso) em relação aos membros fundadores, o CFC era dividido e composto da seguinte maneira:

> **Presidente do Conselho:** Josué Montello.
> **Câmara de Artes:** Clarival do Prado Valladares (presidente), Ariano Suassuna, Armando Sócrates Schnoor, José Cândido de Andrade Muricy, Octávio de Faria e Roberto Burle Marx.
> **Câmara de Letras:** Adonias Aguiar Filho (presidente), Cassiano Ricardo, João Guimarães Rosa, Moyses Vellinho e Rachel de Queiroz.

[35] No dia 15 de setembro de 1971 o Diário de Pernambuco publica no Primeiro Caderno, p. 3, a notícia que a OAC foi contemplada pelo CFC com a quantia de Cr$100.000,00 para compra de instrumentos no exterior.

> **Câmara de Ciências Humanas:** Arthur Cezar Ferreira Reis (presidente), Augusto Meyer, Djacir Lima Menezes, Gilberto Freyre, Gustavo Corção e Manuel Diégues Júnior.
> **Câmara do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional:** Afonso Arinos de Melo Franco (presidente), Hélio Vianna, dom Marcos Barbosa, Pedro Calmon, Raymundo Castro Maya e Rodrigo Mello Franco de Andrade.

São os integrantes da elite que ocupam um lugar social de destaque, que protagonizam os discursos da imprensa. Por serem as figuras de autoridade e representatividade do Movimento Armorial, Ariano Suassuna e Cussy de Almeida, corriqueiramente são citados nas edições do DP sendo o primeiro apontado como fundador e mentor intelectual e o segundo como um regente: a parte técnica do Movimento Armorial.

Entendemos que Ariano Suassuna e Cussy de Almeida são, dentro da transformação cultural vivenciada no Brasil da década de 1970, agentes intermediários e mediadores simbólicos no discurso de preservação de uma memória nacional (Ortiz, 1985, p. 139).

Ariano em 1967 foi nomeado como diretor do Departamento de Extensão e Cultura (DEC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e utilizou esse espaço de poder por entender que [...] "A UFPE era um dos poucos lugares onde era possível discutir sobre cultura popular e cultura brasileira" (Santos, 2017, p. 39). Na função de diretor do DEC, Ariano Suassuna conseguiu sintetizar e sistematizar os estudos acerca das bases da cultura brasileira, obtendo resultados que contribuíram para o nascimento do Movimento Armorial (Didier, 2000, p.37). O alinhamento de Ariano Suassuna com a linha cultural do Estado pode ter possibilitado liberdade para atuar no campo da cultura no período estudado. A liberdade de ação dada pelo governo militar a Ariano pode ter relação com a aproximação da estética e dos valores do Movimento Armorial com os objetivos políticos e culturais do Estado.

Além da função de regente da Orquestra Armorial e diretor do Conservatório Pernambucano de Música, Cussy de Almeida assumiu no ano de 1971 a função de chefe do cerimonial do Governo do Estado, estreitando os laços com o governador do Estado, Eraldo Gueiros e demais políticos do Estado. Cussy de Almeida é frequentemente citado nas edições do DP, sendo elogiado nas colunas sociais pelo trabalho à frente da OAC e por possibilitar a divulgação da cultura pernambucana no Brasil e no mundo.

Cussy de Almeida e Ariano Suassuna aproveitaram o momento de ebulição cultural em Pernambuco e angariaram para o Movimento Armorial verbas que foram destinadas à compra de instrumentos musicais e pagamento dos membros da OAC principalmente.

Devido ao sucesso da OAC, o Estado de Pernambuco ganhou destaque nacional no campo da cultura, a orquestra era corriqueiramente convidada para eventos públicos e privados.

Estes eventos são prestigiados por figuras públicas de notoriedade, políticos, empresários e membros de uma elite que consome cultura. Os eventos são dirigidos por Cussy de Almeida quando relacionados a OAC, e no tocante ao QA é Suassuna quem se destaca. Ambos, Ariano Suassuna e Cussy de Almeida são citados nos discursos do DP como mentores intelectuais do Movimento Armorial, sendo Suassuna ligado à gênese do movimento, quanto a Cussy de Almeida, o DP destina a função de regente da OAC e gênio da música.

Com base nesses tipos de publicações conseguimos enxergar as diversas formas e estratégias discursivas utilizadas pelo DP para dar cobertura aos eventos relacionados ao Movimento Armorial. Os discursos são apelativos, chamam o público para prestigiar um tipo de cultura que se enxerga como original, dotada de um passado em que a glória circundava as elites.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da nossa pesquisa, buscamos entender as estratégias utilizadas pelo DP para repercutir o Movimento Armorial. Procuramos, através da análise da representação do universo armorial pelo DP, demonstrar que a condição sócio-histórica do período fruto de nossa análise (1970-1974), o alinhamento do jornal com as políticas estatais, os sujeitos envolvidos e a divulgação intensa sobre os eventos com participação dos adeptos do Movimento Armorial, permitiram a Orquestra Armorial de Câmara do Recife elevar-se na cena cultural do Recife e do país. Isso não significa dizer que outros artistas considerados armoriais não fossem expostos nas edições, porém, o destaque maior é OAC que além de ser composta por músicos de altíssima qualidade é bem aceita pelos gestores estatais.

Evidenciamos que o DP deu ênfase à temática armorial, divulgando os locais em que ocorreriam os eventos dos adeptos do movimento, sejam esses eventos realizados em espaços públicos ou privados. Nesses termos, achávamos que a OAC e o QA eram contemplados com a mesma intensidade nas matérias do DP. Contudo, evidenciamos que o foco do jornal é a orquestra que tem como líder Cussy de Almeida, que, além das funções de direção e regência, era mestre do cerimonial do governo do Estado de Pernambuco e diretor do Conservatório Pernambucano de Música. Ou seja, era um agente histórico, naquele contexto, com vínculos importantes às elites políticas locais que davam sustentação estadual ao regime autoritário.

Cussy de Almeida reconhecia que os militares tinham admiração pela música produzida pela OAC e, por isso, também apoiavam financeiramente. Indícios desse reconhecimento podem ser vistos na nota que a direção da OAC publicou em 23 de agosto de 1974 no DP, repudiando a notícia sob o título "Fim da Armorial?"[36] que foi veiculada no dia anterior pelo *Jornal do Commércio*. A notícia relata que enquanto Suassuna vem se destacando devido a criação de um quinteto e a gravação de um disco, a OAC vem passando por dificuldades financeiras e perdendo músicos. Em resposta, corroborando com o apoio prestado pelo Estado, a direção da OAC pontua que:

> Com relação a notícia facciosa destituída de todo e qualquer fundamento publicada ontem no Jornal do Comércio, na seção Dia à Dia, sob o título "Fim da Armorial", a direção da Orquestra Armorial de Câmara vem pelo presente esclarecer aos irresponsáveis autores da nota que [...] a armorial graças ao irrestrito apoio dos Governos do Estado e Federal jamais esteve em situação tão privilegiada quanto a atual.[37]

[36] JORNAL DO COMMÉRCIO, 1974, *apud* Didier (2000, p.115).
[37] DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1974, p. 3.

Este apoio foi um dos motivos que possibilitou à OAC frequentar espaços de poder (centros culturais, viagens nacionais e internacionais, participação em eventos pagos com verba pública e privada) que foram vetados a outros movimentos. Segundo as palavras de Bezerra (2013, p. 118)

> O modelo Armorial, de construção da arte erudita a partir de raízes populares, além de ser um dos únicos em Pernambuco a dispor de apoio institucional[...] contribuiu para consolidar um estereótipo sobre a arte produzida na região que ignora certa parcela da produção cultural feita no Nordeste que não se enquadre naqueles padrões de apelo à tradição.

As estratégias utilizadas pelo DP (periodicidade e intensidade nas publicações de textos de opinião, linguagem apelativa, discurso alinhado com a perspectiva do regime militar no campo da cultura) para apresentar o Movimento Armorial em suas edições buscavam representar um mundo social que destoava da conjuntura social, política e econômica do período pois, enquanto o jornal divulga em suas edições a beleza do universo armorial, concomitantemente, o Estado propaga um tipo de cultura alinhada com a noção de identidade nacional, limita à liberdade de expressão e comete abusos contra os Direitos Humanos. Isso nos leva a concluir que o Movimento Armorial é importante para o DP por possibilitar a divulgação do que se entende como cultura no período vigente, e para o Estado pois o movimento não o contesta e não o intimida.

As autoridades estatais do período (ministros e militares) tinham certa simpatia pela OAC pois ela apresentava uma proposta estética (nacionalismo, retorno às tradições, harmonia entre as raças e identidade cultural única) semelhante à propagada pelo Estado. A admiração e simpatia pela OAC pode ser percebida pela presença frequente em seus eventos das autoridades do Estado. Entre as autoridades destacam-se Mário Gibson, ministro das relações exteriores, Jarbas Passarinho, ministro de Educação e Cultura, João Paulo dos Reis Veloso, ministro do planejamento, o comandante do IV Exército, general José Bina Machado, o general Evandro de Sousa Lima e o general Vicente Dale de Paula Coutinho. Assim, reforçamos que o Estado não enxerga no Movimento Armorial uma ameaça às políticas voltadas para a cultura. Ao contrário, o Estado enxerga semelhanças com a sua proposta, quem tece comentários acerca dessas semelhanças é Didier (2000) que pontua que

> "A proposta estética armorial - de criar uma arte brasileira partindo das matrizes culturais mais antigas do país - estava em consonância com a visão essencialista de um governo que já não pretendia apenas negar experiências, mas criar, em tom imperativo, uma memória única sobre a cultura brasileira" (Didier, 2000, p.43)

Enquanto as possibilidades de inserção e atuação na cena cultural do Recife são fechadas para outras manifestações culturais, o Movimento Armorial tem liberdade para atuar, já que não é engajado politicamente nas hostes da esquerda. Para Suassuna a arte não tem que se preocupar em explicar a conjuntura política e social. Suassuna defendia o lúdico como ponto de partida para a criação, contrariamente à posição de outros intelectuais, que colocavam a necessidade de priorizar a veiculação da consciência política através da criação artística (Didier, 2000, p. 97). De acordo Bezerra (2013, p. 185-186), o Movimento Armorial

> [...] monopoliza as subvenções públicas voltadas para a cultura e as políticas culturais no âmbito local. [...] a política interfere e apoia estrategicamente ações específicas, de modo a incentivar um modelo de prática artística que lhe convenha, dentro das condições específicas do campo cultural. É o que acontece nos anos 1970 com o apoio das instâncias governamentais ao Movimento Armorial, cujas produções aparentemente não tomavam nenhum partido político ou ideológico. Mesmo assim, o Movimento se estabelece como principal vetor da política cultural da época em Pernambuco (Bezerra, 2013, p. 185-186).

Esta liberdade de atuação pode ser percebida nas edições analisadas que retratam a OAC como uma representante de maior relevância para o Movimento Armorial. A orquestra é representada como uma manifestação cultural de alto nível que busca nas raízes populares resgatar a tradição e que conta com o apoio do Estado e da alta sociedade. São muitos elogios proferidos pelo DP a OAC e nenhuma crítica negativa.

O DP se apega ao Movimento Armorial: o movimento apresentava uma estética semelhante à noção de cultura propagada pelo Estado autoritário. Para os ditadores, a cultura tinha que espelhar uma imagem de integração e otimismo, eliminando as fronteiras existentes entre o popular e o erudito por meio da harmonia, sendo capaz de reunir as diferenças e construir uma unidade nacional (Didier, 2000, p. 29). O DP, que como vimos sempre esteve alinhado às elites conservadoras do Estado de Pernambuco, propaga em suas matérias as concepções do regime autoritário para a cultura. Isso reflete na cultura a lógica de mercado de massas que visa propagar as criações artísticas que promovam a construção do brasileiro idealizado pelos militares (Arruda, 2021, p. 56).

Para o Movimento Armorial, sob a ótica de Ariano Suassuna,

> [...] a valorização da cultura popular nordestina - neste caso a música do sertão - acontece porque ela é entendida como a síntese da miscigenação cultural entre brancos, negros e indígenas, e é este traço mestiço que Suassuna entende como a principal característica da cultura brasileira. Valorizar e, consequentemente, recriar estas manifestações populares de um ponto de vista erudito, significa reforçar a miscigenação como elemento característico da cultura nacional (Arruda, 2021, p. 12).

Isto posto, a análise das publicações do DP possibilitou que respondêssemos ao nosso primeiro questionamento. Sabendo que a arte "transita por meio de esquemas que tratam de relações de interesse e poder" (Santos, 2017, p. 39), pontuamos então que o discurso do *Diário de Pernambuco* utiliza de estratégias discursivas (textos de opinião e linguagem apelativa principalmente) que visam chamar o leitor para consumir um tipo de cultura que se enxerga como nacional. Para tal, os termos utilizados -reabilitar a cultura, estimular os valores culturais- caracterizam-se pelo teor apelativo em que se busca convencer o público colocando-o em uma posição de escolha rápida. Quando o jornal destaca que os ingressos para assistir a OAC estão acabando ou a presença exclusiva de um determinado músico nos eventos, ele trabalha a exclusividade daquele momento. São utilizados muitos verbos e adjetivos para reforçar a qualidade dos artistas armoriais no discurso do jornal.

O DP procura também explicar os termos armoriais, o que permite que a classe consumidora desta manifestação cultural possa se apropriar e compreender melhor os conceitos utilizados no universo armorial. Brasões, insígnias, cavalaria, ibérico, são palavras que são trabalhadas e explicadas nas entrevistas concedidas pelos expoentes do Movimento Armorial e por seus adeptos. Como não procedemos com uma análise linguística e histórica sobre esses termos não podemos afirmar que eles foram de fato incorporados no cotidiano da sociedade da época. No entanto, podemos frisar que no discurso do DP esses termos se tornaram comuns. O que revela uma dimensão pedagógica exercida pelo jornal no sentido do esclarecimento dos aspectos estéticos do universo armorial para públicos mais amplos.

Não buscamos em nossa análise questionar a qualidade das produções armoriais ou comparar com as produções de outras manifestações artísticas do período, mas sim, avaliar o impacto que o Movimento Armorial causou na sociedade da época. Assim, torna-se imperativo saber como o Movimento Armorial foi repercutido, e como o universo armorial aceito pelos grupos sociais que apareciam nas páginas dos jornais. Respondendo a este ponto identificamos que a OAC participou de casamentos de membros da elite econômica e política da sociedade pernambucana, sendo assim, podemos pontuar que o Movimento Armorial foi bem aceito, não apenas pelo DP e pelo Estado, mas também pela alta sociedade que incorporou a estética armorial em seus espaços mais íntimos. As classes menos favorecidas também puderam apreciar a arte armorial. Como não nos propusemos a quantificar os dados desta pesquisa, podemos inferir que em eventos que tipicamente reúnem todas as classes sociais (natal, apresentações em igrejas, em áreas públicas, etc…) as classes menos favorecidas tiveram oportunidade de consumir a arte armorial. Existem também outros dois locais que possibilitam

esse consumo pelas classes mais baixas, a TV e os jornais, que na conjuntura do período eram uma das fontes de informação mais acessíveis aos pobres.

Trabalhamos também o papel e a posição ocupada pelos sujeitos de maior notoriedade para o Movimento Armorial com a intenção de responder o nosso segundo questionamento. Em linhas gerais esses sujeitos, Ariano Suassuna e Cussy de Almeida, ocuparam lugares sociais que possibilitaram ao Movimento Armorial ganhar notoriedade nas edições do DP e receber apoio estatal. Certamente, Suassuna e Cussy de Almeida possuíam certo prestígio frente ao DP, tanto que quando esses sujeitos promoveram uma disputa pelo termo "armorial’"no ano de 1974, o jornal optou por apenas divulgar os fatos sem tomar partido para nenhuma dos lados.

Em nossa análise não foi possível constatar se Ariano Suassuna apoiava explicitamente o Estado autoritário. A divulgação pelo DP dos eventos que Suassuna participa ao lado de torturadores não pode servir de referência para afirmar que o dramaturgo fosse a favor da tortura ou da censura. Nosso alinhamento então seguirá Arruda (2021) que em sua pesquisa pontua que Suassuna não apoiou efetivamente o golpe mas projetou nos militares a oportunidade de propagar o seu projeto nacional-popular em detrimento ao liberalismo e à esquerda radical. O autor enfatiza que Suassuna ocupou lugares sociais que possibilitaram a criação e ascensão do Movimento Armorial, mas que também permitiram apoiar seus amigos que eram perseguidos pela Ditadura Militar.

Partindo para Cussy de Almeida, percebemos que ele estava mais alinhado ao regime autoritário, fato que pode ser visto nas publicações do DP. Todavia, é salutar que o retrato criado de Cussy de Almeida pelo DP seja aprofundado posteriormente, já que não encontramos documentos oficiais que pudessem confirmar efetivamente este apoio. Novas pesquisas podem esclarecer outras formas de apoio e de articulação entre o Movimento Armorial e o regime militar.

Ademais, sabemos da necessidade em aprofundar possíveis lacunas que devido ao formato monográfico deste trabalho tiveram que ser deixadas em segundo plano neste momento. Nos ocorre que o nosso tema abriu muitas possibilidades e caminhos que podem ser seguidos futuramente por pesquisadoras e pesquisadores.

Acreditamos que novas pesquisas podem ampliar o número de periódicos investigados; utilizar também documentos produzidos pelo Estado autoritário na década de 1970 que façam menção a temática armorial e aos seus adeptos. Consideramos também que é importante aprofundar a participação dos demais sujeitos inseridos no universo armorial já que boa parte da historiografia produzida sobre o tema armorial tem como foco Ariano Suassuna.

Por fim, esperamos ter contribuído com a pesquisa histórica ao proceder com uma análise crítica das estratégias utilizadas pelo DP para apresentar e divulgar o Movimento Armorial a sociedade pernambucana. Entendemos que conseguimos demonstrar que a OAC participou de espaços de poder privilegiados devido a divulgação intensa do DP, a influência política de seus expoentes e as semelhanças estéticas do Movimento Armorial com a noção de cultura estatal em uma conjuntura que ofuscava a livre manifestação artística.

5. REFERÊNCIAS

5.1. Bibliografia

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARRUDA, Lucas Pereira. **A atuação político-cultural de Ariano Suassuna: o movimento armorial e o nacional popular no contexto da ditadura militar**. 103f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

BARBOSA, Marinalva. **História cultural da imprensa: Brasil 1800-1900**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARROS, José D' Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. **Sobre o uso dos jornais como fontes históricas: uma síntese metodológica**. Revista Portuguesa de História, v. 52, p. 397-419, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.14195/0870-4147_52_17. Acesso em: 26 mar. 2024.

_____. José D'Assunção. **Fontes Históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

BEZERRA, Amilcar Almeida. **(RE) inventando o autêntico: arte, política e mídia na trajetória de Ariano Suassuna**. 250f. Tese de Doutorado em Comunicação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/13316. Acesso em: 1 mar. 2024.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, 160 p.

Boletim do Conselho Federal de Cultura. Rio de Janeiro: CFC, 1969-1973.

CHARTIER, ROGER. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **Defesa e ilustração da noção de Representação**. Fronteiras. v. 13, n. 24. p. 169-183, jul./ dez. 2011. Disponível em: Recuperado de https://ojs.ufgd.edu.br/FRONTEIRAS/article/view/1598. Acesso em: 29 ago. 2024.

_____. **O mundo como representação**. Estudos avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173 – 191, Jan./Abril. 1991. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152. Acesso em: 25 jul. 2024.

COELHO, F. **Conceitos "cultura" e "representação": contribuições para os estudos históricos**. Fronteiras: Revista de História, Dourados, MS, v. 16, n. 28, p. 87 - 89, 2014. Disponível em: Recuperado de https://ojs.ufgd.edu.br/FRONTEIRAS/article/view/4544. Acesso em: 28 mar. 2024.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: Martins, Ana Luiza; Luca, Tania Regina de (org.). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012, p. 103-130.

COSTA, Jonatas dos Santos. **Além das Notícias e da Informação: o jornal sob a perspectiva da pesquisa historiográfica. Revista Transversos.** Dossiê: Por uma História do Turismo: Atividade e fenômeno turístico em perspectiva histórica. Rio de Janeiro, n. 28, 2023. pp. 251-257. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/78445. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2023.78445. Acesso em: 22 fev. 2024.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. In: ABREU JÚNIOR, João Batista de; FERREIRA, Marieta de Morais; BEZERRA, Ricardo Lima, colaboração especial. FGV/CPDOC, **Verbete Temático: Diário de Pernambuco**, s/d. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-pernambuco. Acesso em: 2 abr. 2024.

DIDIER, Maria Thereza. **Emblemas da sagração armorial: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial (1970 - 76)**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2000.

FONSECA, André Dioney. **A noção de representação após duas décadas de debates: A propósito do texto defesa e ilustração da noção de representação de Roger Chartier**. Revista Expedições: Teoria & Historiografia. v. 4. n. 1. jan./ jul, 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, RS. Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOMES, Ângela de Castro. "O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito". In: FERREIRA, Jorge (Org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 17-58.

KARAWEJCZYK, Mônica. **O jornal como documento histórico: breves considerações**. Historiæ, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 131–147, 2011. Disponível em: recuperado de https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2371. Acesso em: 29 abr. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. rev. São Paulo: Atlas, 2003.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letras de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: Martins, Ana Luiza; Luca, Tania Regina de (org.). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012, p. 179-206.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (dir.). **História: Novos Problemas**. Tradução de Theo Santiago. 4ª ed. v. 1. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1995.

_____. **As mentalidades: uma história ambígua**. Tradução de Theo Santiago. 4ª ed. v. 1. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1995.

_____. **História e Memória**. Tradução de Rubens Bernardo Leitão, *et al*. 7ª ed. revista - Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 2013.

LEITE, C. H. F. **Teoria, metodologia e possibilidade: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica**. Revista Escritas, v. 7. n. 1. p. 3-17, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/escritas/article/view/1629/8314. Acesso em: 29 mar. 2024.

LIMA, S. M. van D; SANTOS, Idelette M. F. dos. **Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial**. Revista da Anpoll, v. 1. n. 9. p. 251-255, jul./dez. 2000. Disponível em: https://doi.org/10.18309/anp.v1i9.376. Acesso em: 27 mar. 2024.

LUCA, Tania Regina. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, 149-175.

LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos, e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MAIA, Tatyana de Amaral. **Os cardeais da cultura nacional: o Conselho Federal de Cultura na ditadura civil-militar (1967-1975)**. São Paulo: Iluminuras, 2012. MEC, Política Nacional de Cultura, Departamento de documentação e divulgação, Brasília, 1975.

MARTINS, Ana Luiza Martins; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. 2ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

MATOS, J. S. **Caminhos entrecruzados: liberdade e democracia em Sérgio Buarque de Holanda e Assis Chateaubriand**. Historiæ: Revista de História da Universidade Federal do Rio Grande, v.1, nº 3, 2010, p. 77 - 89. Disponível em: https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2343/1238. Acesso em: 12 jun. 2024.

MELLO, Janaina Cardoso de. **A cultura política oitocentista na época joanina entra a Gazeta do Rio de Janeiro, o Correio Braziliense e a Idade D'Ouro do Brazil**. Revista Recôncavos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 79–89, 2009. Disponível em: https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/reconcavos/issue/view/49. Acesso em: 23 jul. 2024.

MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOREL, Marcos. Os primeiros passos da palavra imprensa. In: Martins, Ana Luiza; Luca, Tania Regina de (org.). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012, p. 103-130.

NASCIMENTO, Luís. **História da imprensa de Pernambuco de 1821-1954: História dos diários do Recife - Diário de Pernambuco**. vol. 1. 2ª ed. Imprensa Universitária, 1962.

OLIVEIRA, R.S. **A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930)**. **Historiæ:** Revista de História da Universidade Federal do Rio Grande, v.2, p. 125-142, 2011. Disponível em: Recuperado de https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2614. Acesso em: 9 jun. 2024.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, 304 p.

ROCHA, Termisia Luiza; SILVA, Gilson Pequeno da; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. **Metodologia de pesquisa científica: análise do discurso - conceitos e possibilidades**. CADERNOS DA FUCAMP, v. 21, n. 53, p. 215-225, 2022. Disponível em: https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2913/1800. Acesso em: 1 jun. 2024.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. **Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial**. 2.ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

SANTOS, Marília Paula dos. **Ecos armoriais: influências e repercussão da música armorial em Pernambuco**. 250f. Dissertação (Mestrado em música). Universidade Federal da Paraíba, Niterói, 2017.

VEYNE, Paul. A história conceitual. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (dir.). **História: Novos Problemas**. Tradução de Theo Santiago. 4ª ed. v. 1. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1995.

VIEIRA, M. P. A; PEIXOTO, M. R. C; KHOURY, Y. A. **A pesquisa em história**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1989.

5.2. Fontes

Diário de Pernambuco. Edições de 1970 a 1974. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/. Acesso em: entre jan/ago, 2024.